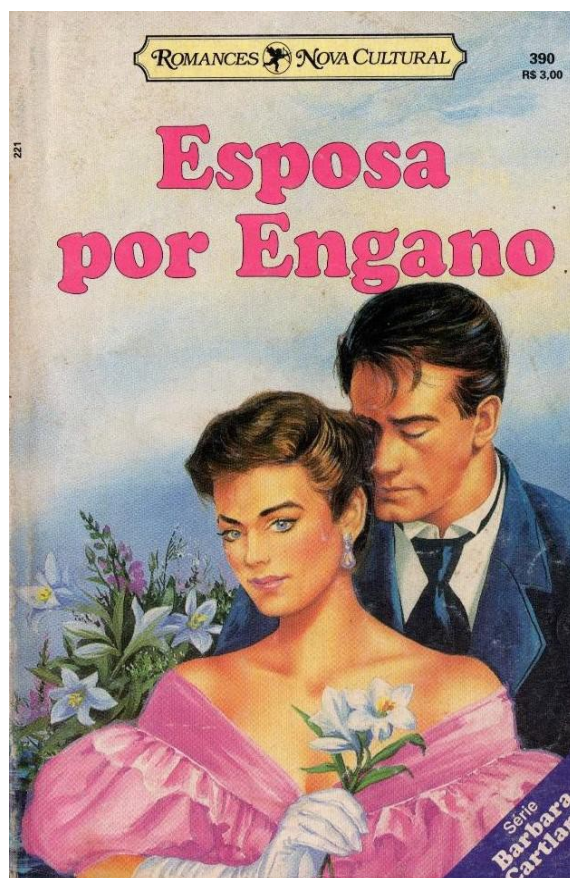




Caterine precisou ter muita coragem para aceitar a proposta de sua grande amiga...

Áustria, 1879.

O navio singrava calmamente as águas do mar. O véu ainda cobria a rosto de Caterine. Seu coração batia descontrolado, apesar da calmaria reinante no convés. Em breve o duque de Dunlerton descobriria que se casara com a mulher errada. E Caterine teria de dizer por que tomara o lugar da verdadeira noiva...

REVISÃO: CLARICE
FORMATAÇÃO: MARISA



Barbara Cartland

ESPOSA POR ENGANO

ROMANCES NOVA CULTURAL

Querida leitora,

Com o passar do tempo, as histórias de Barbara Cartland estão cada vez melhor. A aventura, o amor e os romances estão cada vez mais presentes, mais apurados, escritos com uma sensibilidade imensa. Com esta história não é diferente. Tenho certeza de que você vai adorar!

Janice Florido

Editora-chefe

BARBARA CARTLAND é, sem dúvida, a mais famosa escritora romântica do mundo. Entre suas inúmeras qualidades, podemos citar algumas: é historiadora, geógrafa, poetisa e especialista em dietas naturais. Atuante personalidade política, sempre lutou pelos direitos dos grupos menos favorecidos da sociedade inglesa, especialmente os ciganos, viúvas pobres e crianças abandonadas. Supercriativa e culta, já escreveu mais de 550 livros, editados em todo o mundo em dezenas de idiomas e dialetos, tendo alcançado com essas obras a incrível marca de 600 milhões de exemplares vendidos.

Algumas datas da vida de Barbara Cartland:

1901 - Nascimento

1923 - Publica seu primeiro livro

1927 - Casa-se com Alexandre McCorquodale

1933 - O primeiro casamento é desfeito

1936 - Casa-se em segundas núpcias com Hugh McCorquodale, primo de seu primeiro marido

1983 - Publica seu centésimo livro

1976 - Sua filha Raine casa-se com o Conde Spencer, pai da princesa Diana

1981 - A princesa Diana, enteada de sua filha, casa-se com Charles, príncipe-herdeiro da Inglaterra

1983 - Entra no livro de recordes *Guinness*

1991 - Recebe o título de "Dame" do Império Britânico

Título original: *A sacrifice for love*

Copyright: © 1995 by Barbara Cartland

Tradução: H. Magelan

EDITORA NOVA CULTURAL

uma divisão do Círculo do livro Ltda.

Alameda Ministro Rocha Azevedo, 346 - 2º andar

CEP 01410-901 - São Paulo - SP - Brasil

Copyright para língua portuguesa: 1996

CIRCULO DO LIVRO LTDA.

Fotocomposição: Círculo de Livro

Impressão e acabamento: Gráfica Círculo

NOTA DA AUTORA

No ano de 1878, anterior àquele em que se passa a história narrada neste livro, os russos marcharam para Constantinopla, cidade que a imperatriz da Rússia estava determinada a tornar o centro cristão do mundo.

Seu exército, finalmente, alcançou Alexandria, sessenta milhas distante de Constantinopla.

O Ministério das Relações Exteriores britânico não se alarmou, uma vez que o czar Alexander havia assegurado às Potências que as mudanças geográficas seriam submetidas a um congresso Europeu.

A rainha Vitória, entretanto, ficou nervosíssima. Durante meses tentou alertar o ministério para o perigo que corriam. — O mais importante não é o fato de a Turquia ficar em poder dos russos — insistiu a rainha. — A questão é quem terá o poder supremo mundial: a Rússia ou a Grã-Bretanha.

Certa vez a rainha ficou tão zangada que ameaçou abdicar.

"Se for para a Inglaterra beijar os pés da Rússia, a rainha não tomará parte nessa humilhação e deixará a coroa", Sua Majestade escreveu ao sr. Disraeli.

Ela também telegrafou para o czar Alexander II exigindo que ele parasse com a luta. Recebeu a seguinte resposta:

"O comandante-chefe das minhas tropas sabe quais são as condições exigidas para haver um acordo de suspensão das hostilidades."

"Oh! Se a rainha fosse homem, gostaria muito de ir pessoalmente lutar contra os russos em cuja palavra não se pode confiar", a rainha Vitória escreveu a lorde Beaconsfield.

Para a filha escreveu:

"Oh, quisera eu que os ingleses fossem agora o que foram no passado. Mas ainda defenderemos os nossos direitos, a nossa posição, e o nosso lema será: *Os britânicos jamais serão escravos!*"

CAPÍTULO I

1879

A princesa Catherine pegou o envelope que o criado apresentou-lhe numa salva de prata. Abriu-o depressa, desdobrou a folha de papel e leu:

"Preciso de você com urgência. Por favor, querida Catherine, venha ver-me imediatamente.

Henriet"

Catherine releu o bilhete depois ordenou ao criado:

— Diga ao cavaleiro, portador desta mensagem, que irei ao palácio o mais depressa possível.

O criado curvou-se e saiu da sala apressado para cumprir a ordem. Intrigada, Catherine perguntou a si mesma qual seria o problema com

sua grande amiga, a princesa Henriette de Áustria, para chamá-la com tanta urgência.

Ambas as princesas moravam em províncias diferentes, porém bem perto uma da outra. Catherine e Henriette costumavam visitar-se com frequência, mas já fazia algum tempo que as duas não se viam.

Certa de que dormiria pelo menos uma noite no palácio, Catherine subiu para seus aposentos e avisou a criada pessoal para arrumar sua bagagem.

— Ficaré muitos dias fora, alteza? — quis saber a criada.

— Não sei — respondeu Catherine. — Arrume o necessário para dois ou três dias. Ponha na mala o vestido novo que papai trouxe para mim de Paris.

Indo ao escritório do pai, Catherine escreveu um bilhete, avisando para onde ia.

Apesar de o príncipe Otto não ser um político de grande importância como o príncipe Adolphus, era sempre convidado para ir ao palácio deste último. Entretanto, eram as princesas que mais se visitavam. Elas cresceram juntas e se queriam bem como se fossem irmãs.

Catherine escreveu:

"Querido papai,

Henriette pediu-me para ir vê-la. Não sei o que ela quer de mim nem quanto tempo permanecerei em Áustria. Não se preocupe se eu tiver de ficar lá alguns dias.

A filha que o ama,

Catherine."

Terminando de redigir o bilhete a princesa ordenou que preparassem a carruagem para levá-la ao palácio de Áustria e subiu para trocar-se.

A princesa Catherine era linda. Todos diziam que era o retrato da mãe, já falecida, que havia sido aclamada como a mulher mais bela da Áustria.

Quando ela se casou com o príncipe Otto, soberano do pequeno principado de Theiss, surpreendeu a todos. Não o consideraram importante o suficiente para ela. Entretanto, o imperador da Áustria, primo distante de Otto, deu sua bênção aos noivos. O casal viveu gloriosamente feliz no lindo e majestoso palácio de Theiss. Ambos montavam os cavalos mais extraordinários que podia haver e tornaram o vasto jardim que cercava o prédio um verdadeiro poema.

O nascimento de Catherine completou a felicidade do casal. Embora eles desejassem ter pelo menos mais um filho, isso não aconteceu.

Catherine recebeu dos pais todo amor e atenção que eles tinham para dar. A garota cresceu e a cada ano que passava tornava-se mais bonita.

Logo após Catherine ter completado quinze anos, a mãe sugeriu ao marido que precisavam pensar no futuro da adorada filha. Lembrou-o que deviam escolher para ela um marido encantador e importante.

— A meu ver, há tempo para isso, querida — opinou o príncipe na ocasião. — Mas, se é o que você quer, podemos começar a refletir sobre o assunto. Só receio que você não aprove nenhum dos pretendentes que eu possa sugerir; exigirá sempre alguém melhor!

Era verdade, a princesa reconheceu, beijando o marido. Para ela a filha, meiga, linda e inteligente merecia o melhor.

Catherine, por sua vez, era perfeitamente feliz no palácio com os pais, seus preceptores e amigos. Montava os excelentes cavalos e alegrava-se com os dois cãezinhos que tinham a permissão de ficar dentro de casa.

Desde o nascimento da filha a princesa tornara-se uma pessoa frágil e, no último inverno, o mais rigoroso que eles tiveram, faleceu inesperadamente, deixando o marido desalentado, entregue à sua dor.

Catherine estava com dezoito anos e fez tudo ao seu alcance para confortar o pai. Passou a dirigir o palácio, a escolher com o *chef* os pratos preferidos do príncipe e, para alegrá-lo, fazia com ele longos passeios a cavalo. Pediu-lhe também que a ensinasse a pescar e a atirar para poder acompanhá-lo nas pescarias e caçadas.

Felizmente, o príncipe era encantador, muito querido e recebia grande números de amigos no palácio. Estes também procuraram tornar mais suave para o viúvo a dor da perda da esposa.

Passando a ocupar o lugar da mãe, Catherine organizava jantares, revelando-se anfitriã perfeita. Compreendia as pessoas mais velhas e mantinha com elas uma conversa elevada porque, além de ser dotada

de inteligência brilhante, possuía um grau de instrução muito acima do das moças da sua idade.

Devia isso aos ótimos preceptores, às conversas inteligentes que sempre mantivera com os pais e ao fato de gostar de ler tanto livros como os jornais.

Sem dúvida, Catherine tinha uma vida bem estranha para uma jovem. Entretanto, este tipo de vida tornou-a uma pessoa amadurecida e sensata. Não era sem razão que muitas pessoas, quando tinham algum problema, recorriam a ela em busca de conselhos.

A princesa Henriette era uma delas. Raramente tomava uma decisão séria sem antes ouvir a amiga e pedir-lhe orientação. Era a Catherine que Henriette devia a sua cultura, pois a amiga a convencera a estudar e o pai contratara para ela os melhores professores.

Tanto Catherine como Henriette tiveram os mesmos professores particulares de idiomas. O professor de francês nascera e se criara em Paris, de modo que ensinou às duas alunas a falar muito bem e com o que ele dizia com orgulho, ser um "autêntico sotaque parisiense".

O professor de alemão, ao encerrar as aulas, comentara que elas dominavam perfeitamente o idioma. E o professor de inglês declarara:

— Se vocês algum dia forem à Inglaterra, ninguém dirá que são estrangeiras.

Embora as duas estudassem na própria casa, estavam sempre em contato uma com a outra. Pelo menos uma vez por semana elas se reuniam para praticar conversação numa das línguas estrangeiras que estudavam. Em geral, era Henriette quem convidava Catherine para ir ao seu palácio.

No ano anterior, as duas princesas amigas haviam começado a ter aulas de grego, porém passaram a se encontrar muito pouco. Catherine não podia visitar a amiga com a mesma frequência por causa da morte da mãe.

Além de estar muito mais ocupada do que antes, não queria deixar o pai. Os convites para ela ir ao palácio de Ístria nos meses seguintes tornaram-se raros. Isso não aborrecera Catherine, embora sentisse falta da amiga.

Notando a ausência da princesa Henriette em seu palácio e a falta de convites para a amiga ir visitá-la, o príncipe Otto comentara poucos dias atrás:

— Imagino que Henriët tenha tantos pretendentes que não lhe sobra tempo para as amigas.

— Era o que eu estava pensando, papai — dissera a filha, rindo. — Além de muito bonita, Henriët tem vida social intensa e o pai é politicamente muito importante. Com certeza todos os herdeiros de trono, solteiros, consideram que será muito vantajoso casar com uma princesa austríaca.

Por um momento, o príncipe ficara sério. Depois dissera:

— Creio que cada um desses herdeiros receia que há pretendentes demais à mão da graciosa e gentil princesa.

— Pretendentes demais, papai? — a filha questionara.

— A Áustria vem se tornando muito forte ultimamente e como está bem armada, é temida por vários países europeus. Ao que parece o imperador tem amedrontado grande número de vizinhos. Portanto, é natural que haja muitos soberanos ou herdeiros de trono interessados na princesinha Henriët para assegurar a paz de seu país — explicou o príncipe.

Catherine sabia disso, mas dissera apenas:

— Desejo que Henriët se case com alguém que a ame.

— Eu também, claro. Mas você sabe tão bem quanto eu que na realeza os soberanos e herdeiros de trono se casam pensando no bem do país e não na noiva, a qual raramente são eles que escolhem — argumentara o príncipe.

Isso era verdade, Catherine reconhecera.

O dia estava lindo. O sol brilhava nos lagos, nos quais a região era pródiga, nas árvores e nas flores.

Na luxuosa e confortável carruagem puxada por quatro cavalos bem emparelhados, Catherine pensava em Henriët o tempo todo. Estava com muita saudade da amiga e ansiosa para saber o motivo de ela desejar vê-la com tanta urgência.

Ocorreu-lhe que um príncipe herdeiro de algum trono a pedira em casamento. Se fosse assim, Catherine considerou, seria muito bom que Henriët fosse morar num país cuja língua havia aprendido com tanto esforço.

Por um momento, Catherine tentou pensar nos reinos e principados que teriam mais interesse em se unir à Áustria. Eram muitos, sem dúvida. O pai de Henriette era sobrinho do imperador e isso representava muito para quem se casasse com a princesa.

A questão era que, no momento, eram raros os príncipes herdeiros com idade de se casar. O da Alemanha era pouco mais que uma criança e o mesmo se podia dizer do príncipe da Holanda.

Havia ainda a dificuldade de os pretendentes à mão da princesa Henriette dependerem da aprovação do imperador. Na Rússia havia inúmeros príncipes, naturalmente, mas nenhum era herdeiro direto do czar.

"Não será fácil", Catherine pensou. "Ao mesmo tempo, nem sei por que estou com isso na cabeça. Talvez Henriette não esteja preocupada com pretendente nenhum o queira ver-me apenas para ajudá-la a escolher um vestido para algum baile."

Assim pensando, decidiu aguardar a chegada ao palácio e então saber pela própria Henriette o que estava acontecendo.

O magnífico palácio, cercado de jardins flamejantes de cores parecia ainda mais encantador ao sol da manhã. A carruagem não tardou a estacionar na frente da imponente porta principal. Foi grande a surpresa de Catherine ao ver a amiga descer correndo os degraus para recebê-la.

As duas jovens se beijaram e Henriette disse, ansiosa:

— Você é mesmo um anjo para atender ao meu pedido tão prontamente. Receei que não viesse e eu preciso desesperadamente de você.

— É claro que eu não deixaria de vir. Mas o que aconteceu? Há alguma coisa errada? — Catherine perguntou.

— Falaremos sobre isso quando estivermos sozinhas. — Henriette olhou sobre o ombro. — Eu disse a papai que precisava de você e ele concordou que eu mandasse chamá-la.

Confusa, Catherine não disse mais nada até chegar aos aposentos particulares da amiga, situados no fim do primeiro andar. Era uma suíte luxuosa e confortável, com altas janelas que de um lado olhavam para o jardim e do outro para o lago.

— O que aconteceu? — perguntou Catherine assim que entrou na sala íntima e Henriette fechou a porta.

— Estou apaixonada — Henriët segredou.

Caterine deu um pequeno grito de alegria.

— Oh, Henriët, que romântico! Estou feliz por você ter encontrado o amor. Quem é o rapaz?

— E esse o problema.

— Problema!? — Caterine repetiu, surpresa. — Por quê? O que há de errado?

— Não há nada errado, exceto que o homem que eu amo não é importante e papai não permitirá que eu me case com ele — respondeu Henriët.

— Quem é ele?

Antes de responder Henriët olhou para a porta.

— É Fritz Hofer, major do regimento da guarda pessoal de papai.

O oficial, Caterine lembrava-se dele, era de fato, alto, forte e chamava a atenção por sua beleza. Ela não se admirou de a amiga ter-se apaixonado por um homem com tantos predicados. Ao mesmo tempo, não ignorava que o príncipe Adolphus não deixaria a filha casar-se com um simples oficial.

— Lamento, querida, e compreendo que a sua situação é delicada — tornou Caterine, solidária.

— A situação é muito pior do que você possa imaginar. Papai está decidido a dar minha mão em casamento a outro homem. Trata-se de um duque inglês — revelou Henriët.

— Um duque! — admirou-se Caterine. — Mas seu pai não escolheu para você um marido da realeza?

— Bem, o duque em questão tem sangue real. Sua mãe era a princesa Lillian de Saxe-Coburg, parente do príncipe Albert e grande amiga da rainha Vitória.

Caterine lembrou que a rainha da Inglaterra fora casada com o príncipe Albert de Saxe-Coburg, portanto, o duque tinha parentesco com Sua Majestade.

— O duque quer casar com você? — Caterine inquireu.

— Ainda não o conheço. Quem tem grande interesse nesse casamento é o imperador, porque está ansioso para ter alguma ligação com a Grã-Bretanha — informou Henriët.

— Já foi feito o pedido de casamento?

— O duque está a caminho de Ístria e ficará hospedado neste palácio. Papai me disse ontem à noite que Sua Alteza irá pedir minha mão em casamento. — Henriët deu um profundo suspiro. — Tanto o imperador como a rainha Vitória concordam que o nosso casamento será muito oportuno, pois estabelecerá um laço entre os dois países.

— Mas você está apaixonada por outro! — exclamou Catherine.

— Amo Fritz. Amo-o de todo coração. E ele me ama. Encontramo-nos secretamente no jardim, à noite, e algumas vezes em um lugar onde ninguém vai depois que escurece — confidenciou Henriët. — Fritz me ama por mim mesma, não por eu ser uma princesa ou filha de um príncipe importante. E eu o amo porque ele é o homem mais gentil, encantador e mais belo do mundo.

Henriët juntou as mãos e suplicou:

— Ajude-me, Catherine. O que posso fazer?

Penalizada, Catherine beijou o rosto da amiga de quem gostava muito e falou suavemente:

— Pode contar comigo. Eu a ajudarei em tudo o que estiver ao meu alcance. Entretanto, no momento, não me ocorre solução alguma. Não há chance de você recusar o pedido de casamento do duque?

— Não vejo como. O imperador está encantado com a ideia do casamento e disse a papai que fará tudo para que a nossa união se concretize, pois ela colocará o meu país sob a proteção da Grã-Bretanha.

— Suponho que a verdadeira razão atrás de tudo isto é que tanto a Áustria como a Grã-Bretanha estão com medo dos russos que vêm causando tantos problemas nos Bálcãs. Outra ameaça, a meu ver, é representada pela Alemanha que está agora forte demais, e talvez perigosa, desde a unificação com todos os pequenos reinos e principados — opinou Catherine.

Nunca tendo se interessado muito por história, Henriët desabafou:

— Pouco me importa o que eles queiram fazer ou não pelo país. Estou preocupada comigo!

— É claro que tem razão para isso, querida, mas, no momento, não sei o que você pode fazer para livrar-se desse casamento. — Catherine ficou um instante em silêncio, depois perguntou: — Você já disse a seu pai que não deseja casar com alguém que nunca viu e a respeito de quem nada sabe?

— Papai está radiante com a simples ideia deste casamento, sugerido pelo próprio imperador, que nem me perguntou se eu estava ou não feliz, muito menos pediu o meu consentimento — queixou-se a princesa.

— Oh, pobre amiga! — condoeu-se Catherine. — Eu sempre soube que os imperadores e reis agiam assim, mas nunca imaginei que isto fosse acontecer nas nossas vidas.

— Pelo menos na minha vida está acontecendo! — Henriët exasperou-se. — Oh, Catherine, você tem de me ajudar! Não posso casar com esse homem! Prefiro matar-me.

— Por favor, não diga um absurdo destes — rogou Catherine brandamente. — Você sabe como a quero bem e há tantas pessoas que a amam.

— Fritz também me ama e eu o quero com todas as forças da minha alma e do meu coração — acentuou Henriët. — Nenhum outro homem poderá significar alguma coisa para mim.

— Minha querida, tente pelo menos conhecer o duque, talvez você goste dele; então o aceitará para marido e aprenderá a amá-lo — Catherine aconselhou a amiga.

— Se meu marido não for Fritz, não quero saber de me casar. Odiarei o duque e farei tudo para ele me odiar também e não desejar tocar em mim! Pode acreditar nisso. — Levantando-se do sofá onde estava sentada com a amiga, a princesa foi até a janela. — Como poderei suportar o carinho de um homem que não seja Fritz? Pertencemos um ao outro tão completamente que nos sentimos como se fôssemos uma só pessoa.

Catherine não pôde deixar de refletir que era exatamente assim que se sentiam as pessoas apaixonadas.

— O que posso fazer? O que farei? — indagou Henriët, ansiosa.

— Quando o duque deve chegar?

— Ainda esta manhã! Ele virá para o almoço e já disse a papai que o casamento deve ser realizado o mais depressa possível, uma vez que tem uma série de obrigações na Inglaterra, inclusive no castelo de Windsor. Ele já prometeu à rainha Vitória que se ausentará por pouco tempo.

— Então Sua Alteza quer se casar quanto antes — murmurou Catherine, mal acreditando que isso fosse verdade.

— Pelo que papai disse terei apenas alguns dias para comprar o enxoval antes de partir com meu marido para a Inglaterra — mencionou Henriët. — Oh, amiga, o que farei? Para onde posso fugir e não ser encontrada?

Dizendo isso, Henriët sentou-se novamente no sofá e irrompeu em lágrimas. Catherine abraçou-a e tentou consolá-la.

— De nada adianta chorar. Temos de pensar em um modo inteligente de salvá-la.

— Estou disposta a desobedecer... papai... mesmo que ele me expulse do palácio. — Henriët soluçava. — Fritz e eu não nos importamos de ir para o exílio... desde que fiquemos juntos. Fritz é rico e... não passaremos fome.

— Nem pense em tamanha loucura — Catherine censurou a princesa. — Já lhe passou pela cabeça que o seu gesto causará um escândalo e muitos problemas?

— Eu não vou casar com esse duque inglês! Não vou! — Henriët teimou. — Só quero que você me diga como fugir com Fritz antes de me colocarem uma aliança no dedo.

— Pare de chorar, querida. — Catherine abraçou a amiga com mais força. — De que adiantam as lágrimas? Se pensarmos no assunto calma e seriamente, saberemos o que fazer.

— Saberemos? Como? Se eu disser a papai que não quero casar com o duque... ele me obrigará a aceitar o casamento por ser muito conveniente.

— Preciso pensar — murmurou Catherine, deixando Henriët e indo até a janela.

Olhou para o jardim multicolorido pelas flores e refletiu que por mais lindo que fosse o palácio e tudo que o cercava, essa beleza não tornava

Henriet feliz. Era uma crueldade o príncipe querer obrigar a filha a casar com um desconhecido.

Para o príncipe Adolphus e para o imperador era o país que contava. O sentimento das pessoas não tinha importância; as mulheres eram apenas peões que podiam ser manejados de modo que eles pudessem ganhar o jogo.

Caterine, entretanto, sendo muito culta e estando a par da situação política, compreendia a atitude do príncipe Adolphus e do imperador. Soberanos de pequenos reinos e principados dos Bálcãs pediam com frequência à rainha Vitória para mandar-lhes uma noiva inglesa.

Eles sabiam que ao desfraldar no seu país a bandeira do Reino Unido poderiam desafiar os russos.

O que ocorria com a Áustria não era muito diferente. Nos anos anteriores ganhara muito território e tornara-se poderosa. Mas a Rússia também estendera o seu império e, fazendo fronteira com uma parte da Áustria, representava uma ameaça impossível de ser ignorada.

Era por estar consciente disso que ultimamente o imperador da vinha encorajando os principados vizinhos a, da mesma forma que os dos Bálcãs, recorrerem à rainha Vitória para conseguirem algum tipo de aliança que os mantivesse a salvo da cobiça do czar.

Pelo que já havia lido, Caterine sabia que os russos não desejavam lutar contra a Grã-Bretanha porque não tinham poder bélico para enfrentá-la. Porém, não iria falar sobre isso com Henriet, pois seria perda de tempo.

Conhecia bem a amiga e estava certa de que seu amor pelo major Fritz Hofer era verdadeiro e intenso. Voltando-se para a princesa, perguntou:

— Você tem certeza do amor de Fritz Hofer por você? Acredita que se desistir do casamento, chegando até a romper com seu pai, o major continuará a amá-la e estará disposto a ficar do seu lado, mesmo distante de Áustria?

— Tenho certeza absoluta disso — enfatizou Henriet. — Fritz já me implorou para fugir com ele. Não concordei com a fuga, pensando justamente no bem dele. Fritz pertence ao Exército e se fugir será perseguido, preso e acusado de desertor. Talvez seja fuzilado!

Seria terrível se isso acontecesse, claro. A vida de Henriette estaria destruída. Catherine respirou fundo. Parecia não haver alternativa para a amiga senão aceitar o duque.

— "O príncipe Adolphus e o imperador manobram as pessoas de modo cruel. Reconheço que para ambos o país é mais importante e deve ficar acima de sentimentos pessoais. Mas os dois não podem esperar que uma jovem pense como eles", Catherine refletiu.

— O que farei Catherine? — Henriette perguntou com voz sumida, ainda chorando. — Nunca pensei que algo semelhante... pudesse acontecer comigo.

— Nem eu. Por enquanto só posso dizer para não se precipitar. Conheça o duque; talvez ele não seja tão horrível como você imagina.

— Mesmo que ele seja o arcanjo Gabriel, não me interessa. Amo Fritz e só ele tem importância para mim.

Henriette falou com sinceridade e Catherine pensou febrilmente no que poderia fazer para ajudar a amiga. Conhecia a princesa muito bem, sabia que ela era impulsiva e capaz de agir irrefletidamente.

Apaixonada pelo major como estava, Henriette talvez preferisse se matar, como já dissera, a se casar com o duque.

Por um momento Catherine ficou calada, refletindo. Deixou a amiga chorar, achando que aquele desafogo lhe faria bem. Só quando lhe ocorreu uma ideia, voltou-se para Henriette.

— Creio que já sei o que devemos fazer.

— Sabe? O que é? — Henriette perguntou com voz débil.

— Nós duas vamos conhecer o duque e veremos que tipo de homem é ele. Saberemos se haverá chances de ele ficar do seu lado, indo contra os planos do príncipe Adolphus e do imperador. Posso tentar conversar com ele a sós e lhe direi que você ama outro. Quanto a você, não fale com Sua Alteza; demonstre que está triste.

— Você acha que o duque ficará convencido de que não fomos feitos um para o outro e desistirá do casamento? — Henriette indagou, esperançosa.

— Como posso ter certeza? Mas é uma chance e nenhuma chance deve ser desprezada.

— Oh, Catherine, você fará isso por mim? Oh, meu Deus, se o duque ficar decepcionado comigo apresentará suas desculpas ao imperador e voltará para a Inglaterra.

Embora não estivesse muito convencida de que seu plano funcionaria, Catherine considerou que pelo menos lhe daria tempo de encontrar uma solução para o sério problema de Henriët. Iria empenhar-se para não ver a amiga infeliz e com ideias suicidas na cabeça.

"Deve haver uma saída. Vou pedir a Deus com fervor para ajudar-me a encontrá-la", Catherine disse a si mesma com confiança.

Voltou novamente para a janela, como se fosse possível receber inspiração e energia daquelas flores tão exuberantes. Estava diante de um problema quase insolúvel.

Se o imperador e o príncipe Adolphus haviam decidido aceitar o duque, de nada adiantariam súplicas, argumentos e tampouco ameaças para fazê-los voltar atrás depois de terem tomado uma decisão. Ainda mais que a decisão fora tomada visando à segurança de toda a Áustria.

Catherine havia aprendido com o pai que se os governantes não fossem firmes e determinados, seu país ou descambaria para a insignificância ou seria conquistado por soberanos mais fortes e poderosos.

Era o caso dos alemães e dos russos que representavam um perigo constante para seus vizinhos mais fracos. Mais de uma vez o príncipe Otto dissera à filha:

— Somente um braço forte fará com que os russos se comportem. E esse braço forte é a Grã-Bretanha.

Suas palavras tornaram-se proféticas quando as tropas russas estavam a apenas seis milhas de Constantinopla e a rainha Vitória mandou seis couraçados pelo estreito de Dardanelos até o mar de Mármara, deixando bem claras as suas intenções.

Se o grão-duque Nicolau, que estava no comando das tropas, avançasse um pouquinho que fosse, seria obrigado a lutar contra os britânicos bem como com os turcos.

Sendo forçado a bater em retirada, o grão-duque, extremamente infeliz, queixou-se:

— Os britânicos custaram-me cem mil homens bem treinados e mais do que isso em dinheiro. De uma coisa estou certo: não podemos lutar contra eles.

No caso da Áustria, Catherine ponderou, o auxílio da Grã-Bretanha seria mais do que bem-vindo. Se a sobrinha-neta do imperador se casasse com um parente da rainha Vitória, os russos veriam nessa união uma clara advertência para ficarem a distância. Ao mesmo tempo, essa aliança custaria a felicidade de Henriët.

"Tenho de fazer alguma coisa por ela e farei, custe o que custar", Catherine pensou.

As amigas continuaram conversando até que o mordomo entrou na sala da princesa para avisá-la:

— Lamento perturbá-la, alteza, mas o duque de Dunlerton deve chegar dentro de quinze minutos. Sua Alteza Real pede que Vossa Alteza Real esteja no hall para recebê-lo.

Ele olhou para Catherine e sorriu.

— E não sabia que Vossa Alteza Real havia chegado — acrescentou.
— É um prazer revê-la.

— É sempre uma alegria vir a este palácio — observou Catherine.

O mordomo deixou-as e Catherine disse à amiga:

— Venha comigo. Vamos até seu quarto. Você precisa estar com a melhor aparência possível. Faça de conta que nada está acontecendo.

— Por quê? Quero demonstrar que não estou feliz mesmo — Henriët retrucou, amuada. — Foi o que você sugeriu há pouco.

— Pensei melhor e acho que você não pode deixar seu pai suspeitar de nada. Se ele desconfiar de alguma coisa, passará a vigiá-la — ponderou Catherine. — Ainda não tenho ideia do que fazer, mas encontraremos uma saída.

Reconhecendo que a amiga tinha razão, Henriët levantou-se.

— Está bem. Vou lavar o rosto e trocar de roupa.

— Além de lavar o rosto, sorria e demonstre que está contente de conhecer o duque — aconselhou Catherine.

— Impossível! Eu o detesto! — Henriët protestou.

— Sei disso. Mas não podemos levantar suspeitas de ninguém se quisermos ter liberdade de agir quando estivermos traçando um plano para impedir seu casamento com o duque.

— Tem razão. Tentarei controlar-me — Henriët prometeu. — Contudo, sei que terei vontade de gritar e correr para longe, indo ao encontro de Fritz.

— Se fizer uma tolice dessas prejudicará o homem que ama — Catherine apontou. — Não lhe passou pela cabeça que o major será preso? Se houver a mais leve suspeita de que ambos apenas flertam, ele será transferido e provavelmente você nunca mais o verá.

No quarto, Henriët lavou o rosto e trocou-se. A conselho de Catherine escolheu um dos vestidos mais lindos e concordou em usar algumas jóias da mãe.

— Você deve estar deslumbrante — salientou Catherine. — Tenha em mente que o duque representa a Grã-Bretanha. Lembre-se também de que deve fazer o papel de noiva feliz até encontrarmos um modo de livrá-la deste casamento indesejado. Acredito que, se rezarmos com fé, encontraremos uma saída.

— Rezarei com fervor, claro, para acontecer o milagre de Fritz e eu ficarmos juntos — Henriët afirmou.

— Milagres não acontecem facilmente — ponderou Catherine.

— Mas rezarei a noite toda para poder escapar do duque e ficar com Fritz — Henriët falou com determinação.

Catherine levou o indicador aos lábios e recomendou:

— Cuidado com o que diz. Se alguém ouvi-la, suas palavras serão repetidas por todo o palácio.

— Nem fale uma coisa destas! — Henriët sufocou um grito de horror.

— Você sabe que é a pura verdade. Portanto, sorria ao ver o duque e demonstre que está contente de conhecê-lo.

— Se eu pudesse colocaria veneno na sua comida — redarguiu Henriët.

— Afaste tais pensamentos! Não se deixe dominar pela raiva ou o mau humor. Há pessoas que captam as vibrações negativas. O duque pode ser uma delas. Pense apenas em Fritz e que está fazendo todo esse sacrifício por ele e pelo amor que sentem um pelo outro — Catherine

sugeri. — Seja como for, ninguém pode suspeitar que você e o major se amam.

— Fritz tem sido muito cuidadoso para não haver o menor comentário no palácio. Sabendo o que eu sentia com a chegada do duque ele mandou-me um buquê de flores, mas sem bilhete nenhum.

— Vejo que o major Hofer é um homem sensato. Estou pensando em falar com ele, se possível. — Catherine ficou pensativa por um instante. — Já sei. Direi a um dos funcionários do palácio que tenho uma mensagem para ele enviada por meu pai. O major o conheceu numa caçada a aves e depois disso ambos se encontraram algumas vezes em corridas de cavalos.

— É verdade, mas você não precisará falar com funcionário nenhum do palácio. Será mais fácil do que você pensa entrar em contato com Fritz — revelou Henriët.

— Como? Onde ele está? — Catherine quis saber.

— Prefiro não falar sobre isso agora. O duque está para chegar — lembrou Henriët.

— Tem razão. Agora me prometa que será encantadora com o duque e fará de conta que Fritz não existe — Catherine insistiu.

— Tentarei, pode acreditar em mim — Henriët afirmou. — E, por favor, querida Catherine, pense em algum modo mágico que me permita escapar de um destino que será pior do que a morte.

— Uma coisa de cada vez. Antes de descermos para você conhecer o duque, deixe-me olhá-la com atenção. — Catherine examinou o rosto da amiga e concluiu: — Eu sei que você esteve chorando, mas não creio que nenhuma outra pessoa notará sinais de lágrimas no seu rosto. Sorria e ficará ainda mais encantadora. É assim que o duque deve vê-la ao chegar.

— Vai ser difícil ele encantar-se comigo, pois estarei com vontade de mandá-lo de volta para o lugar de onde veio — retrucou Henriët com veemência.

— Psiu! Cuidado com o que diz! — Catherine recomendou novamente. — Não diga isso nem para mim. Será um desastre se o duque ou qualquer outra pessoa desconfiar quais são os seus verdadeiros sentimentos.

— Será que o duque é um homem inteligente, observador e sensível?
— especulou Henriët.

— Não podemos saber antes de conhecê-lo. Ele tanto pode ser um idiota ou muito inteligente. Talvez seja até um diplomata ansioso para não permitir que nem os russos nem os alemães tenham a supremacia.

Pela expressão da amiga, Catherine soube que ela não estava preocupada com as ambições dos dois países e sim com o próprio destino. Então convidou a princesa:

— Vamos descer. Represente bem o seu papel. Talento não lhe falta. Na infância você era uma excelente atriz quando representávamos peças clássicas para distrair seu pai. Lembre-se de que agora é o seu futuro e a sua felicidade que estão em jogo.

— Farei o possível — Henriët falou com voz plácida e sem inflexão alguma.

— Quem faz o melhor que pode a mais não é obrigado — citou Catherine, beijando a amiga e saindo com ela do quarto.

Do alto da escada as duas princesas viram inúmeros oficiais indo apressados para a porta da frente. Elas souberam que a duque estava chegando na carruagem que o fora buscar no porto.

Do outro lado do palácio, surgiu o príncipe Adolphus. Catherine tocou de leve em Henriët e esta foi depressa para o lado do pai para dizer:

— Oh, papai, Catherine veio visitar-me; chegou há poucos minutos. Sei que o senhor está contente porque tenho a minha grande amiga do meu lado nesta ocasião tão auspiciosa.

— Sim, claro, estou encantado. — O príncipe estendeu a mão para Catherine.

Ela fez uma mesura e quando se levantou, o príncipe beijou-a no rosto.

— É um grande prazer revê-la. Como está seu pai?

— Muito bem e sempre ocupadíssimo — respondeu Catherine.

— Como todos nós. — O príncipe sorriu. — Espero que minha filha tenha tido tempo de lhe dizer o que está acontecendo hoje neste palácio.

— Sim, Henriët falou-me sobre a chegada do duque e fiquei muito interessada em conhecê-lo. Espero que Sua Alteza conte-nos o que se passa na Inglaterra no momento.

— Estou tão curioso como você.

Enquanto o pai e a amiga conversavam, Henriette ficou um pouco para trás dos dois. Neste instante a carruagem estacionou na frente do palácio e o príncipe Adolphus adiantou-se para receber o ilustre visitante.

Catherine segurou na mão da amiga, sentindo-a gelada e trêmula. Para confortá-la, apertou-a e murmurou:

— Lembre-se, querida, de que há muito em jogo.

CAPÍTULO II

Quando o príncipe adiantou-se com a mão estendida para cumprimentar o duque que acabara de descer da carruagem, Catherine pôde vê-lo perfeitamente.

Era tipicamente inglês: alto, de ombros largos, pele clara, cabelos escuros, olhos cinzentos e, ela admitiu, muito bonito. Havia nele, entretanto, algo intimidador, que Catherine não soube definir.

Ao ser apresentada a ele, no hall, Henriette comportou-se maravilhosamente e até forçou um sorriso, como Catherine a aconselhara a fazer.

O príncipe apresentou a Sua Alteza o camareiro-mor, o primeiro-ministro e, por fim, voltou-se para Catherine.

— A princesa Catherine, filha do príncipe Otto de Theiss, é a maior amiga de Henriette. Estamos muito felizes em tê-la conosco.

O duque segurou a mão de Catherine e olhou para ela de um modo estranho, como se a questionasse. Por um instante, ela receou que ele pudesse ler seus pensamentos.

Alegrou-se quando o príncipe Adolphus voltou-se para a filha antes de acompanhar o duque até seus aposentos particulares.

— Nos veremos mais tarde, pouco antes do almoço, querida — avisou. — No momento, tenho muitas coisas para discutir com Sua Alteza.

Henriet respirou aliviada. Deu a mão à amiga e foram ambas para o jardim.

— Aqui é o melhor lugar para conversarmos; ninguém nos ouvirá — disse, quando se sentou com Catherine num banco perto de uma fonte. — Achei-o amedrontador! Não posso nem vou me casar com ele!

— Ora, querida, você não pode julgar alguém que acabou de conhecer. Você apenas apertou a mão de Sua Alteza — ponderou Catherine.

— Pois foi mais do que suficiente para eu ter certeza de que o detesto. Papai pode dizer o que quiser, mas não me casarei com aquele inglês arrogante! Não mesmo! — Henriette teimou, nervosa.

— Não esqueci a promessa que lhe fiz. Tenho pensado o tempo todo, tentando encontrar um meio de fazer com que o casamento de vocês não se realize. Por enquanto, você deve representar o seu papel. Esteve perfeita ao ser apresentada ao duque — louvou Catherine. — Pelo bem de Fritz, continue assim; ninguém deve suspeitar quais são os seus verdadeiros sentimentos.

— Ontem à noite, quando estive com Fritz, ele sugeriu que devemos fugir. É claro que não concordei com o que ele disse, pensando no bem dele.

— Fale-me sobre o lugar onde vocês se encontram sem correr o risco de serem vistos — pediu Catherine.

— É um lugar que só nós dois e Malca, minha criada pessoal, conhecemos. Ali podemos ficar em segurança — mencionou Henriette. — Esta manhã Fritz avisou o general que iria deixar o regimento para visitar a mãe que está muito doente. Ela mora no extremo norte do país, a muitas milhas daqui.

— O major viajou para tão longe? Então não poderei falar com ele como eu gostaria de fazer. Entretanto, reconheço que foi uma atitude sensata ele ter-se afastado do palácio — comentou Catherine.

Henriette riu e revelou:

— É claro que Fritz não viajou. Ele *disse* ao general que iria ver a mãe, mas, na realidade está bem perto do palácio, num lugar onde ninguém

jamais esperaria encontrá-lo. Pretendo vê-lo esta noite novamente para relatar-lhe o que está acontecendo. Se eu não puder ir, Malca irá. Você poderá ir comigo ou com ela.

— Ótimo. Mas antes disso precisamos saber a data marcada para o seu casamento com o duque.

— Papai havia prometido dar-me algum tempo para preparar o enxoval, mas, como eu já lhe disse, o duque pretende voltar logo para a Inglaterra. Malca, que está sempre a par de tudo, me informou, ainda esta manhã, que meu vestido de noiva já foi encomendado e que na loja estão trabalhando nele noite e dia para deixá-lo pronto o mais depressa possível.

— É bom você ter no palácio alguém em quem pode confiar — salientou Catherine. — E Malca a ama como a uma filha.

— É claro que posso confiar nela — Henriette enfatizou. — Tenho em Malca uma aliada. Além disso, fiz questão de revelar-lhe a verdade sobre Fritz para ela não ter um ataque quando entrasse no meu quarto à noite e não me visse na cama, dormindo. Sei que ela prefere morrer a fazer alguma coisa que possa me prejudicar.

Catherine conhecia Malca, mulher de meia-idade que fora a *nanny* de Henriette e depois passara a ser sua criada pessoal. Alegara que recebera treinamento para ser uma *nanny*, mas não abandonaria a princesa; continuaria a servi-la até o fim de seus dias.

Sabendo da dedicação da criada pela filha, o príncipe Adolphus concedia a ela certas regalias. Assim, Malca tinha liberdades que nenhum outro criado possuía. Seus aposentos, inclusive, eram bem próximos aos da princesa.

— Tenho uma ideia. Esta noite, após o jantar, se você tiver de ficar fazendo companhia ao duque, direi que estou com dor de cabeça e subirei para o quarto de Malca. Então ela me levará até o major — expôs Catherine.

— Diga a Fritz que o amo e que nada me fará casar com o duque! Nada! — A voz de Henriette elevou-se. — Ao vê-lo descendo da carruagem, foi como se visse o próprio demônio.

Notando o nervosismo da amiga, Catherine tentou acalmá-la.

— Ouça, querida, não se exalte desta forma. Você não pode esquecer de representar o seu papel o tempo todo, mesmo estando a sós comigo.

— Tento fazer o que você me aconselhou. Mas... não vê que estou amedrontada? Não posso perder o homem que amo. Vou fugir com Fritz — Henriët ressaltou.

— Está bem. Estou tentando encontrar um modo de você e o major escaparem, mas isso me parece difícil, muito difícil — assinalou Catherine.

Um dos fidalgos que serviam no palácio apareceu no jardim. Estava à procura das duas. Aproximando-se das princesas, curvou-se e disse, dirigindo-se a Henriët:

— Sua Alteza Real pede a Vossa Alteza que vá vê-lo na sua sala de estar.

Notando o estremecimento da amiga, Catherine perguntou depressa:

— Posso ir também?

— Bem, Sua Alteza Real pediu-me para chamar a princesa Henriët — tornou o fidalgo. — Entretanto, acredito que se ambas aparecerem juntas na sala, ele nada poderá fazer.

— É isso mesmo — Catherine sorriu. — É o que faremos. Vamos ver o que seu pai deseja, Henriët. Está quase na hora do almoço e não ficaremos com o príncipe por muito tempo.

Sem esperar resposta, ela segurou na mão da amiga e ambas atravessaram o gramado.

— Sorria — Catherine recomendou baixinho a Henriët. — Você deve parecer uma noiva feliz, ansiosa para chegar o dia do casamento.

— Quero gritar, chorar e sair correndo — Henriët resmungou.

— Se fizer isso será um desastre — Catherine advertiu-a. — Portanto, seja cuidadosa, muito cuidadosa.

Na sua sala privativa, o príncipe Adolphus tomava champanhe com o duque. Ao ver a filha, o príncipe sorriu para ela.

— Oh, Henriët, minha querida! Eu devia ter imaginado que Catherine estaria com você.

— A visita de minha grande amiga deixou-me extremamente feliz — declarou Henriët, sorrindo também para o pai.

— Sim, claro — concordou o príncipe. — Certamente Catherine a ajudará, uma vez que seu casamento será realizado dentro de poucos dias.

— Poucos dias? — Catherine repetiu, admirada. — Por que tanta pressa?

O duque falou pela primeira vez:

— Prometi a Sua Majestade, a rainha Vitória, que não me ausentaria da Inglaterra por muito tempo. Vim para cá no couraçado mais veloz que a Marinha inglesa possui no momento. Precisam deste navio para missões mais importantes do que levar-me de volta à Inglaterra com minha esposa.

Ocorreu a Catherine que ela gostaria muito de ver o couraçado. Já ouvira dizer que os couraçados eram os navios mais avançados do mundo. Henriët, porém, aproximou-se do pai e perguntou:

— Há necessidade de tanta pressa, papai? Para mim a cerimônia do casamento é muito importante e quero ter bastante tempo para escolher as damas de honra. Estas, por sua vez, também precisam preparar-se.

Vendo que a amiga estava sendo muito esperta, Catherine apoiou-a, dizendo:

— Como a melhor amiga de Henriët, quero ser uma de suas damas de honra e acho impossível preparar-me em poucos dias.

— Lamento deixar ambas desapontadas. Sua Alteza deve partir e decidimos que o casamento será realizado dentro de dois dias — contrapôs o príncipe. — Não haverá damas de honra. A cerimônia será bem simples, embora seja realizada na catedral e não na capela particular do palácio. Queremos que nossos vizinhos fiquem cientes de que se trata de um casamento de grande importância.

— É uma medida sensata — aprovou o duque. — Sua Majestade está horrorizada com o comportamento dos russos.

— Receio que eles já tenham tomado vários principados dos Bálcãs. Fui informado que os cossacos avançam cada vez mais na Ásia, criando o caos — assinalou o príncipe.

— É verdade. O governo britânico, afinal, tendo agora consciência de que eles se aproximam mais e mais da Índia, está reforçando nossas tropas naquela região — esclareceu o duque.

— A Índia, sendo a "Jóia da Coroa", deve estar bem protegida, claro — asseverou o príncipe. — Nem sei como agradecer a Sua Majestade, a rainha Vitória, por estar também preocupada conosco, um principado da Áustria.

— Sua Majestade tem especial afeição por este país — disse o duque.

Caterine sentiu o aperto que Henriët deu em sua mão e falou: Se Vossa Alteza deseja que o casamento seja realizado dentro de dois dias, Henriët e eu devemos decidir quanto antes o que ela precisa comprar para o enxoval.

— Será muito mais fácil para ela comprar em Londres tudo o que for necessário — replicou o duque. — Temos em nossas lojas os mais lindos trajes vindos de Paris. Para casacos e conjuntos de montaria os alfaiates ingleses são os melhores do mundo.

— Mas alguns trajes para a viagem e principalmente o vestido de noiva precisam ser providenciados. Vossa Alteza deve compreender que toda noiva quer ficar bonita no dia mais importante de sua vida — Caterine argumentou.

— A princesa nunca deixará de ser bonita — respondeu o duque.

Embora ele falasse delicadamente, havia na sua voz uma nota irônica que não passou despercebida a Caterine.

— Vossa Alteza não pode esquecer que Henriët, como toda noiva, terá prazer de comprar tudo com o que sonhou para o enxoval — ela insistiu. — Se for possível, sairemos depois do almoço para fazer compras. Eu gostaria de saber mais alguma coisa sobre a cerimônia de casamento.

— Deixei isso nas mãos de Sua Alteza Real — tornou o duque secamente.

Caterine voltou-se para o príncipe e falou-lhe com meiguice:

— O senhor não pode ficar indiferente aos desejos de Henriët, tio Adolphus.

Apesar de o príncipe Adolphus ser, de fato, primo distante do príncipe Otto, Caterine, desde pequena, quando estava continuamente no palácio, chamava-o de "tio", por sugestão dele próprio.

O príncipe explicou ao duque:

— O príncipe Otto, pai de Caterine, é meu parente distante, mas sempre o considereei, bem como a esposa e a filha, parte da minha família. Henriët e Caterine parecem irmãs.

A explanação alegrou Caterine. De agora em diante o duque não questionaria por que uma simples amiga falava por Henriët e mostrava-se tão interessada em ajudá-la.

— Se nos permitir, tio Adolphus, iremos fazer a compras após o almoço, como eu disse há pouco. Espero que não se importe se gastarmos uma fortuna — brincou Catherine.

O príncipe riu.

— Comprem o que minha filha desejar. Não acredito que irei à bancarrota. — Em outro tom ele acrescentou: — Bem, receio que estamos indo depressa demais. Naturalmente, o duque e Henriët desejam ficar a sós, pois devem ter muito o que dizer um ao outro. Vocês irão às compras depois que ambos conversarem.

Percebendo que Henriët ficou assustada, Catherine apressou-se em dizer:

— Temos pouco tempo, tio Adolphus. Sua Alteza poderá conversar com a noiva depois que as lojas fecharem. Ele, certamente, quer que sua esposa chegue à Inglaterra muito bem trajada para causar a melhor das impressões. Os vestidos de Henriët são os de uma adolescente e já estão fora de moda.

— Está bem! Dou-lhes permissão para irem às compras — o príncipe cedeu.

O almoço foi anunciado e os quatro foram para a sala de jantar. Desde que ficara viúvo, o príncipe convidava o camareiro-mor e todos os fidalgos que o serviam no palácio para sentarem-se com ele à mesa para o almoço e o jantar. Era comum haver também no palácio visitantes de outros países.

Neste dia o único visitante era o duque. Catherine imaginou que o primeiro-ministro e alguns oficiais apareceriam mais tarde, ao jantar.

Henriët sentou-se do lado do duque, que estava à direita do príncipe, e Catherine ficou do outro lado da mesa. Logo no começo da refeição o duque e o príncipe passaram a conversar. Pareciam ter muito o que dizer um ao outro.

O primeiro assunto abordado foi sobre política e o comportamento dos russos. Catherine ficou desapontada pois gostaria de tomar parte na conversa. Estava preparada para expor sua opinião e não teve oportunidade de fazer isso.

Henriët baixou os olhos e manteve-se calada durante toda a refeição. Comeu muito pouco e ficou aliviada ao ver que seu nome não foi citado uma única vez.

Ao fim da refeição, Catherine disse:

— Henriet e eu não queremos café. Se o senhor, tio Adolphus, e seu hóspede nos derem licença, vamos deixá-los apreciando o vinho do Porto e iremos fazer compras.

O príncipe assentiu e as duas amigas subiram para o quarto de Henriet. Esta desabafou assim que fechou a porta:

— Odeio o duque! Odeio-o! Você viu como ele me ignorou? Ele só conversou com papai. Como posso me casar com um homem que não se interessa por mim? Oh, Catherine, você tem de me salvar!

— É o que vou fazer — Catherine prometeu. — Foi por isso que a trouxe para cá assim que surgiu a oportunidade.

— Se eu ficasse mais um pouco naquela sala com o duque creio que seria capaz de gritar — Henriet esbravejou.

— Ainda não sabemos exatamente o que seu pai e o duque combinaram sobre o casamento — Catherine lembrou. — É isso que teremos de descobrir antes de qualquer outra coisa.

— Descubra você. Eu não quero saber deste assunto — Henriet falou, amuada.

Catherine preferiu ficar em silêncio; compreendia a falta de entusiasmo da amiga e estava determinada a obter as informações desejadas. Ambas deixaram o quarto e desceram. Encontraram o camareiro-mor no hall.

— Vejo que vão sair para se divertirem gastando dinheiro — observou ele, sorrindo.

— É sempre muito mais agradável gastarmos o dinheiro dos outros e não o nosso — Catherine salientou sorrindo também.

Ela levou o camareiro-mor para o lado e segredou-lhe:

— Queremos saber exatamente o que foi providenciado para o casamento e ninguém parece disposto a nos adiantar coisa alguma. Para Henriet, sendo a noiva, é muito importante estar a par do que irá acontecer.

— Naturalmente — concordou o camareiro-mor. — Tudo o que sei é que as bodas serão realizadas na quinta-feira, na catedral. Depois da cerimônia uma carruagem levará os recém-casados até o porto onde se encontra o couraçado inglês.

— Não haverá recepção alguma? — Catherine questionou.

— Não. O duque quer embarcar assim que termine a cerimônia religiosa. — O camareiro-mor olhou sobre o ombro antes de acrescentar:

— A meu ver, os britânicos demonstram ter pouca consideração para conosco, mas é claro que não posso dizer o que penso.

— Não pode, realmente. Ao mesmo tempo, convenhamos, para a princesa Henriët será muito mais cômodo não ter de ficar de pé durante horas recebendo os cumprimentos de pessoas que nunca viu antes — comentou Catherine.

— Sei o que é isso — tornou o camareiro-mor com simpatia.

— Bem, embora o que foi planejado seja muito mais simples e fácil para a noiva, devemos considerar que inúmeras pessoas ficarão desapontadas por não haver recepção — Catherine comentou.

— Sua Alteza Real tem consciência disso, porém o duque insiste em partir tão logo deixe a catedral com a noiva. Sendo assim, Sua Alteza Real decidiu tornar a cerimônia religiosa um grande acontecimento — informou o camareiro-mor. — Já expedi pregoeiros e arautos para percorrerem toda a cidade anunciando as bodas. Bandeiras também serão hasteadas nos prédios oficiais e nas ruas por onde passará o cortejo nupcial.

— O pessoal do campo e das cidades vizinhas não serão avisados? — indagou Catherine. — Eles gostarão de saber a respeito do casamento da princesa.

— Pensei nisso também. Soldados e mensageiros já receberam a incumbência de levarem a notícia aos prefeitos de todas as cidades — respondeu o camareiro-mor. — Acredito que eles celebrarão o acontecimento na localidade da melhor forma possível. É pena que não haja muito tempo para se organizarem festas grandiosas. Depois da partida dos noivos, haverá fogos de artifício e dança na praça pública. Sua Alteza Real reservou uma verba especial para cada cidade gastar com os festejos.

— O senhor está de parabéns. Nunca imaginei que conseguiria fazer tanta coisa em tão pouco tempo — apreciou Catherine.

O camareiro-mor olhou ao redor para certificar-se de que ninguém o ouvia. Segredou então:

— Devo dizer-lhe confidencialmente que tudo foi planejado por Sua Alteza Real mesmo antes de termos recebido a resposta da rainha

Vitória. Confiávamos que Sua Majestade não deixaria de atender ao pedido de nosso príncipe.

— Em outras palavras, todos vocês estavam determinados a ter o pavilhão do Reino Unido tremulando do lado da bandeira de Ístria — Catherine concluiu.

— A ideia foi do imperador e o príncipe Adolphus a acatou com o maior entusiasmo — esclareceu o camareiro-mor.

Henriet ouviu tudo em silêncio e com desinteresse.

— Obrigada pela informação — Catherine agradeceu e foi com Henriet até a carruagem que as esperava em frente do palácio.

A caminho das lojas Henriet queixou-se:

— Estou sendo tratada como criança. Só no último instante me dizem o que está acontecendo.

A razão disso, Catherine sabia, era óbvia. O príncipe receava que a filha se rebelasse quando soubesse que iria se casar com um desconhecido e estrangeiro. Para distrair a amiga, ela disse:

— Agora devemos decidir o que iremos comprar.

— Não quero comprar coisa nenhuma — replicou Henriet, irritada.
— Repito, Catherine, que não me casarei com aquele homem insuportável. Se eu não puder fugir com Fritz, haverá um enterro em vez de um casamento.

Na melhor loja da cidade Henriet comprou alguns vestidos e complementos, depois experimentou, embora a contragosto, o vestido de noiva que estava quase pronto. Era lindíssimo e o acompanhava um véu de tule com aplicações de finíssima renda.

Para fixar o véu à cabeça da noiva, Catherine sabia disso, havia uma valiosa tiara da coleção real, usada por todas as princesas de Ístria, geração após geração. Tinha o formato de corações e flores e eram cravejados de diamantes. No vestido de noiva também havia corações de diamantes, o que Catherine achou desnecessário, uma vez que ninguém se preocupara com os sentimentos de Henriet.

De volta ao palácio, Henriet permaneceu muda e mergulhada nos próprios pensamentos. Para animá-la, Catherine lembrou-a:

— Não se esqueça de que devo falar com Fritz esta noite. Vou expor-lhe o plano que tenho em mente para a fuga de vocês.

— Fuga? Você acha mesmo que poderemos fugir? — Henriët indagou, ansiosa.

— Não lhe prometo nada. Preciso discutir com Fritz um plano que me ocorreu e que talvez seja viável — respondeu Catherine com cautela.

— Eu só sei que não vou usar aquele vestido de noiva exagerado e ridículo! — Henriët falou com veemência.

— Está bem, querida, mas não se exalte. Tenha cuidado com o que diz. Por enquanto, você deve sorrir e mostrar-se amável com seu pai e o duque até que Fritz possa levá-la com ele — Catherine aconselhou a amiga. — Você não quer que suspeitem dele, não é mesmo?

— Claro que não! — redarguiu Henriët.

— Então, como eu já disse, tenha cuidado. Até esta carruagem pode ter ouvidos. Conversaremos sobre o assunto quando estivermos no seu quarto, de portas fechadas.

Henriët segurou a mão da amiga.

— Confio em você e sei que irá salvar-me. Você sempre me ajudou quando éramos crianças e não falhará agora, não é mesmo?

— Farei tudo o que estiver ao meu alcance para ajudá-la.

— Tendo você do meu lado não sinto tanto medo. Quando experimentei o vestido de noiva tive vontade de gritar e de rasgá-lo — Henriët declarou.

— Se fizesse uma tolice dessas só iria piorar a situação e destruir a chance de fugir com Fritz — Catherine ponderou.

A carruagem parou, as princesas desceram e quando entraram no hall viram o duque com o príncipe Adolphus e o camareiro-mor.

— Já estão de volta! — admirou-se o príncipe. — O duque e eu estamos de saída. Iremos até a catedral para falar com o arcebispo. Vocês não querem nos acompanhar?

— Estamos muito ocupadas, tio Adolphus — Catherine respondeu, antes que Henriët pudesse dizer alguma coisa. — Para o noivo é muito mais simples preparar-se para o casamento, pois basta vestir seu melhor traje domingueiro. Mas uma noiva deve providenciar um rico e belo enxoval e temos pouquíssimo tempo para isso.

— O que para mim é uma grande vantagem — o príncipe brincou. — Pelo menos, vocês não gastarão demais.

— Ocorre exatamente o contrário, tio Adolphus — objetou Catherine.
— Como as pessoas estão trabalhando a noite toda, irão cobrar-lhe o dobro.

Em resposta, o príncipe riu e o duque observou:

— Devemos ir, alteza. O arcebispo nos espera para tratarmos dos últimos detalhes da cerimônia nupcial.

— Sim, sim, vamos — acudiu o príncipe, dirigindo-se para a porta principal.

Pela primeira vez, Catherine achou o duque desagradável e compreendeu que Henriette tinha certa razão de não gostar do noivo. Ela ia subir para o quarto da amiga, mas esta sugeriu:

— Está uma tarde linda. Vamos para o jardim; bem mais agradável passear entre as flores.

O camareiro-mor que estava do lado das princesas, disse amavelmente:

— Duas flores entre as flores.

Catherine sorriu para ele; em seguida, deu a mão a Henriette e ambas deixaram o hall. Elas andaram alguns metros e Henriette disse baixinho:

— Vamos seguir por entre os arbustos, onde ninguém poderá nos ver. Então chegaremos até o lugar em que Fritz se encontra.

— Agora?! — Catherine surpreendeu-se. — Não será arriscado?

— Olhe para trás para ver se há alguém nos seguindo ou nos vigiando lá do palácio — Henriette recomendou.

Atendendo ao pedido, Catherine olhou em todas as direções. Não vendo ninguém, seguiu Henriette por entre os arbustos ao fim dos quais havia uma grande cabana de madeira. Ali as duas amigas brincavam quando crianças.

A porta da cabana estava trancada e Henriette abriu-a com uma chave que tirou da bolsa. Antes disso, porém, teve o cuidado de olhar ao redor para ter certeza de não haver ninguém espiando-as.

Ela entrou na grande sala onde ainda havia alguns brinquedos e Catherine seguiu-a, curiosa, porém em silêncio. Para sua surpresa, viu

Henriet ajoelhar-se no chão, afastar um tapete e dar algumas batidas numa das tábuas largas do assoalho.

— O que está fazendo? — Catherine perguntou, não contendo a curiosidade.

— Espere e verá — foi a resposta.

Alguns minutos se passaram e para espanto de Catherine uma parte da parede de madeira se abriu e Fritz Hofer apareceu trajando roupas comuns e não o uniforme. Estava encantador e pareceu a Catherine ainda mais alto. Com um grito de alegria, Henriette correu para os braços do rapaz.

— Você está bem, minha querida? — Fritz perguntou suavemente. — Tive o pressentimento de que você viria me ver esta tarde.

Observando-os, Catherine viu como ambos se olhavam e não teve dúvidas de que se amavam profundamente.

— Eu trouxe Catherine comigo — disse Henriette. — Ela queria vê-lo e fará o possível para nos ajudar. As coisas estão ficando insustentáveis. Só pudemos vir até esta cabana porque papai e aquele horrível duque foram à catedral... para tratar dos últimos detalhes... do casamento.

— Por favor, não tenha medo. Tudo há de dar certo. — Fritz Hofer apertou a mão de Catherine. — Agradeço o seu interesse e gostaria de saber que plano você tem em mente.

— Vou expor-lhe meu plano e peço-lhe que seja sincero caso não o considere exequível — respondeu Catherine.

— Estou ansioso para saber do que se trata. Serei o homem mais feliz do mundo se puder casar com a mulher que amo e que, acredito, também me ama — Fritz Hofer falou com emoção.

— Amo você, Fritz! Você sabe que o amo! — Henriette declarou. — Já lhe disse isso mil vezes. Prefiro morrer a me casar com outro.

— Compreendo o que ambos estão sentindo — Catherine falou, solidária.

— Apaixonei-me por Henriette desde a primeira vez que a vi, porém não me julgava merecedor da atenção de uma princesa. Ao saber que ela me amava, senti-me o homem mais feliz do mundo. Agora, se eu perdê-la, serei o mais infeliz de todos os mortais — Fritz enfatizou.

Henriette deu um suspiro e encostou a cabeça no ombro do namorado.

— Será difícil, muito difícil, mas teremos de impedir que Henriët se case com o duque. É uma crueldade separar duas pessoas que se amam tanto — alegou Catherine.

— É o que venho repetindo muitas vezes — Henriët gritou. — Não suportarei deixar Fritz e ir para outro país com um homem a quem odeio! Prefiro morrer!

Havia cadeiras dobráveis encostadas na parede, mas os três sentaram-se sobre o tapete. Fritz passou o braço ao redor da cintura de Henriët para ampará-la.

Notando o comportamento dos dois enamorados, Catherine soube que eles haviam sido feitos um para o outro. Ambos se fitavam em adoração.

Ciente disso, Catherine sentiu mais forte do que nunca a necessidade de lutar para que não se separassem. Não havia mais ninguém a quem eles poderiam recorrer. Ela começou a dizer:

— Ouçam meu plano. Espero salvá-los com a ajuda de Deus...

Uma batida na porta sobressaltou-os.

CAPÍTULO III

Com um movimento rápido, Fritz passou pela abertura na parede e desapareceu. Henriët destrancou a porta e abriu-a.

Imensamente aliviada, Catherine viu Malca de pé, no degrau.

— Sua Alteza Real procura por você — disse a criada a Henriët.

— Corra para atender seu pai — Catherine aconselhou a amiga. — Ninguém deve suspeitar que estivemos aqui.

Malca já havia desaparecido e Henriët saiu correndo da cabana para alcançar o jardim. De repente ela parou, ofegante, para dizer a Catherine que a seguia:

— Daqui em diante devemos caminhar devagar até o palácio. Tenha cuidado com o que irá dizer a papai.

— Serei muito cuidadosa — Catherine tranquilizou-a. Estava pensando que se haviam arriscado demais tendo ido ao encontro com Fritz Hofer durante a tarde.

Ao mesmo tempo, reconheceu que a cabana era um esconderijo perfeito. Ninguém suspeitava que havia uma porta secreta naquela construção tão rústica.

Mais tarde, Catherine ficou sabendo que o filho de um dos príncipes de Ístria mandara construir a cabana para seus encontros amorosos que duraram enquanto ele não subiu ao trono.

As duas amigas aproximavam-se do palácio e Henriët deu a mão a Catherine. Passaram por entre os arbustos, caminharam sob as árvores e alcançaram o gramado.

A certa distância, Henriët viu o príncipe Adolphus.

— Oh, lá está papai! — exclamou e saiu correndo ao encontro dele.

Catherine seguiu-a mais devagar.

— Estive à sua procura, minha filha. — Havia uma ligeira nota de censura na voz do príncipe. — Não imaginei que vocês duas se afastassem tanto do palácio.

Percebendo a hesitação da amiga, Catherine interveio:

— Receio que a culpa tenha sido minha, tio Adolphus. Além do jardim tem-se uma bela vista do mar e eu queria ver se o couraçado inglês estava ancorado no porto. Ouvi dizer que se trata de um navio de guerra enorme e diferente de todos os que já vimos. Infelizmente, não chegamos até aonde pretendíamos.

— Então era isso que as duas estavam aprontando! — O tom de voz do príncipe abrandou-se. — Bem, vocês não veriam o navio ancorado como desejavam.

— Por que não? — indagou Catherine, surpresa.

— O couraçado já está subindo o rio e ficará ancorado bem perto da catedral. O duque pretende partir assim que terminar a cerimônia do casamento — esclareceu o príncipe.

— Neste caso terei a oportunidade de ver o navio.

Catherine entusiasmou-se.

Ao dizer isso, ela lembrou que os russos haviam ficado alarmados quando a rainha Vitória mandara seis couraçados através do estreito de Dardanelos.

— Tenho certeza de que Henrieta irá apreciar sua viagem à Inglaterra num couraçado como aquele — o príncipe estava dizendo. — Será a primeira lady a viajar nele desde que foi construído.

A expressão de horror de Henrieta não passou despercebida a Catherine. Mais do que depressa ela comentou:

— Sem dúvida, será uma experiência emocionante para ela. — Em outro tom perguntou: — Por que o senhor estava procurando Henrieta, tio Adolphus?

— O duque deseja vê-la para saber se a aliança de casamento cabe em seu dedo — respondeu o príncipe.

Ao ouvir isso, Henrieta sufocou um grito. Catherine segurou a mão dela com força, indicando que tivesse cuidado.

— O duque acredita que quando a aliança de casamento não serve no dedo da noiva é mau presságio — o príncipe continuou. — Sua Alteza contou-me que isso aconteceu com um amigo de quem ele foi padrinho de casamento. Nem um ano depois de casado o amigo sofreu um acidente fatal quando participava de uma *steeplechase*.

— Que estranho. Sempre ouvi dizer que os ingleses não eram supersticiosos. O duque deve ser uma exceção — observou Catherine.

— Provavelmente. Mas é claro que, apesar de ser excelente cavaleiro, ele não queira arriscar-se a ser morto numa *steeplechase* — comentou o príncipe com um sorriso.

— Presumo que para evitar o mau augúrio, Sua Alteza tenha trazido consigo alianças de diversos tamanhos — brincou Catherine. — Será que eu posso acompanhar Henrieta, tio Adolphus?

— Suponho que sim. Mas, por que o interesse? Está pensando em se casar? — indagou o príncipe em tom brincalhão.

Catherine riu.

— Por enquanto, nenhum duque pediu minha mão em casamento.

— Há muito tempo para isso. Sei que seu pai irá oferecer-lhe um grande baile; então você será admirada por muitos rapazes, pois é tão adorável quanto foi sua mãe — tornou o príncipe.

— É muita amabilidade sua, tio Adolphus.

Os três entraram no palácio e Catherine, que continuava segurando na mão da amiga, sentiu que ela estremeceu. Compreendeu que Henriët estava aterrorizada por ter de encontrar-se com o duque para experimentar a aliança. Assim que o príncipe adiantou-se para falar com um dos fidalgos, ela sussurrou ao ouvido da amiga:

— Fique calma. Pense em Fritz e não faça nada que possa levantar suspeitas sobre ele.

Bastou a menção do nome de seu querido para Henriët compor-se e murmurar:

— Farei o possível para mostrar-me feliz. Mas... não saia de perto de mim.

— Irei com você, claro. Darei um jeito de ficarmos na sala apenas alguns minutos.

Apesar de mostrar-se confiante, Catherine receava que Henriët, sempre muito emotiva e impulsiva, se descontrolasse e revelasse ao duque que não queria aquele casamento. Ou pior ainda: que demonstrasse o ódio que sentia pelo noivo indesejado.

O príncipe conduziu as duas princesas à sua sala de estar privativa. O duque achava-se de pé, perto da janela.

— Lamento tê-lo deixado à nossa espera por tanto tempo — o príncipe desculpou-se. — Minha filha estava além do jardim e queria ver o portentoso navio de guerra inglês. Expliquei-lhe que poderá admirá-lo de perto quando ancorar próximo à catedral.

Enquanto ouvia o príncipe, o duque manteve os olhos fixos em Henriët. Era um olhar crítico que Catherine considerou ofensivo. Para desviar-lhe a atenção, comentou:

— Tio Adolphus contou-nos que os ingleses são supersticiosos e acreditam que se uma aliança não serve no dedo da noiva isso é um mau presságio.

— De fato, há esta crença — o duque admitiu. — Deixando a superstição de lado, eu acharia constrangedor se tivesse trazido uma aliança pequena demais e me visse obrigado a empurrá-la com força no dedo de minha noiva, na hora do casamento.

— Tudo isto é secundário — o príncipe falou em tom cortante, como se achasse inconveniente a observação de Catherine. — O que importa é

que, com o casamento de Henriette e Sua Alteza, os russos e alemães saberão que a rainha da Grã-Bretanha está dando proteção à Áustria.

— É verdade — Catherine concordou com simplicidade.

O duque foi até a mesa que ficava perto da lareira, pegou um porta-jóias e abriu-o. Em seu interior havia algumas alianças e um belíssimo colar de pérolas e diamantes. Voltando-se para Henriette, indagou:

— O que deseja em primeiro lugar? O presente de seu noivo ou a aliança?

Por pouco Henriette não replicou, zangada:

— Nenhum dos dois!

Novamente, para poupar a amiga, Catherine antecipou-se e exclamou:

— Que colar deslumbrante!

— Escolhi-o porque achei muito próprio para uma noiva. Acredito que Henriette ficará feliz com o presente — o duque falou com certa afetação.

Vendo que a amiga mantinha-se de cabeça baixa e emudecida, Catherine pegou o colar e pediu a Henriette:

— Oh, Henriette, experimente-o! É um lindo colar! Ficarão maravilhoso com o vestido de noiva.

Sem esperar o consentimento da amiga, Catherine colocou nela a valiosa jóia. Deu um passo para trás e falou empolgada:

— Oh, é lindo! Você está adorável! Sua Alteza escolheu um presente encantador.

Com dificuldade, Henriette conseguiu dizer:

— É muito bonito. Obrigada.

Como se tivesse consciência de que a filha estava sofrendo, o príncipe sugeriu depressa:

— Experimente as alianças, querida. Depois disso o duque e eu teremos muitas coisas a tratar.

O duque pegou uma das alianças e, mecanicamente, Henriette estendeu a mão. Estava tão trêmula que Catherine segurou-lhe o pulso. Não serviu.

— É pequena demais — declarou Catherine. — Se me permitir, Alteza, experimento uma aliança. Se servir em mim servirá em Henriët. Nós duas costumamos usar as jóias uma da outra. Na verdade, até esquecemos a quem as peças pertencem realmente. Eu tinha um anel de safira que ficou maravilhoso em Henriët e combinou tão bem com seus brincos que o deixei com ela até hoje.

O duque riu e observou com bom humor:

— Eu não fazia ideia de que vocês eram tão amigas a ponto de usarem as jóias uma da outra. Vejo que pelo Natal terei de dar anéis para ambas.

— Não é má ideia — gracejou Catherine. — Nossas jóias são bem poucas. Papai não permite que eu use as que pertenceram a mamãe e as jóias da mãe de Henriët estão trancadas no cofre.

Acabando de falar, Catherine estendeu a mão esquerda para o duque e ele colocou no dedo médio uma aliança simples, de ouro, que lhe serviu perfeitamente.

— É o tamanho exato — ela constatou. Voltando-se para Henriët, perguntou: — Não quer experimentá-la, querida?

— Não é preciso. Se ficou bem no seu dedo... servirá no meu — Henriët falou num fio de voz.

— Bem, a aliança está escolhida, creio que podemos sair — Catherine apressou-se em dizer. — Uma costureira espera por Henriët em seus aposentos.

Catherine deu a mão à amiga; quando iam saindo, lembrou que o colar ainda estava ao redor do pescoço de Henriët e indagou ao duque:

— Ah, o colar! Henriët pode ficar com ele ou deve devolvê-lo?

— Pode ficar, claro — assentiu o duque. — Esta jóia é herança de família e eu a trouxe especialmente para a minha futura esposa usar no dia de nosso casamento.

Notando que Henriët não suportava mais ficar ali, Catherine murmurou um agradecimento e saiu da sala com a amiga, fechando depressa a porta. As duas correram pelo corredor e foram para o quarto de Henriët.

— Odeio este homem! Não quero este colar nem aquela aliança — gritou Henriët, chorando.

Desabotoando o colar, atirou-o sobre a cama.

— Não vou me casar com um homem a quem odeio! — continuou, soluçando. — Oh... eu quero ficar com Fritz. Se não for possível, prefiro morrer... e ninguém me impedirá de fazer isso.

— Você deve ser sensata, querida. Eu já prometi que iria salvá-la deste casamento — Catherine falou calmamente, abraçando a amiga.

— Salvar-me? Como? — Henriët gritou, desesperada. — Eu sei que ninguém poderá salvar-me. Tenho o revólver de papai... e atiro muito bem.

Catherine ficou tensa. Nunca imaginou que as coisas fossem tão longe, tampouco que Henriët tivesse em seu poder uma arma para se matar. Disse com firmeza:

— Pare de chorar e ouça o que vamos fazer.

— Não quero ouvi-la! — Henriët teimou. — Sei que você vai dizer para eu pensar em Ístria e não em mim! Detesto o duque, detesto o imperador. Não quero ser a heroína que irá salvar este país.

A voz alterada de Henriët revelava que ela havia perdido o controle. Catherine soube que seria inútil tentar fazê-la compreender alguma coisa. Abraçando-a com mais força, beijou-lhe a testa e avisou:

— Fique aqui. Vou voltar à cabana para falar com Fritz. Afinal, não pude falar-lhe sobre o plano que tenho em mente.

A reação de Henriët foi imediata. Ela parou de chorar e perguntou:

— É um plano para... fugirmos juntos?

— Isso mesmo — Catherine assentiu. — Preciso expor o meu plano ao major.

— Posso ir com você?

— Não. Seria arriscado. Seu pai talvez mande chamá-la novamente — Catherine ponderou. — Para meu plano ter sucesso, nenhum passo pode ser dado em falso.

Afastando-se da amiga, Henriët enxugou as lágrimas com um lenço.

— Você não pode pelo menos me adiantar como é o seu plano?

— Espere até eu falar com Fritz. Não quero levantar falsas esperanças, compreende? Se alguém perguntar por mim, diga que fui para o meu quarto. Quanto a você, não saia daqui. Promete?

— Prometo.

— Agora dê-me o revólver.

— Não. Vou ficar com ele. Se você não puder salvar-me, saberei usá-lo, depois de amanhã... antes de ir para a catedral — Henriët falou com seriedade.

— Pensei que você confiasse em mim. Só quero o revólver para entregá-lo a Fritz. Imagino que ele não tenha arma nenhuma em seu poder — Catherine argumentou.

— Você lhe dará o revólver para ele proteger-se e... me proteger?

— Foi nisso que eu pensei.

— Está bem. Leve a arma. — Henriët cedeu.

Ela abriu a gaveta superior da penteadeira e, de uma parte secreta que havia no fundo, tirou um revólver.

— Como o conseguiu? — perguntou Catherine, a pegar a arma.

— É de papai. Ele pensa que alguém o roubou — Henriët respondeu.

— Vou entregá-lo ao major. Ficará mais seguro com ele do que com você. — Inclinando-se, Catherine beijou Henriët. — Tenha cuidado para não despertar a menor suspeita. Ninguém deve saber aonde fui. Voltarei o mais depressa que puder.

— Diga a Fritz que eu queria acompanhá-la, mas você não deixou — queixou-se Henriët. — Aqui está a chave da cabana.

— Ele compreenderá, principalmente depois de saber qual é o meu plano.

Catherine deixou o quarto. No corredor, teve o cuidado de olhar para os lados e, não vendo ninguém, foi depressa para a escada dos fundos que conduzia a uma porta lateral pouco usada que, por sua vez, se abria para o jardim.

Lá fora também não havia ninguém e Catherine foi diretamente para umas moitas de rododendros, seguiu, tendo a proteção dos arbustos, depois caminhou sob oliveiras e outras árvores e chegou à cabana.

Abriu a porta, afastou o tapete e bateu no assoalho. Com alegria, viu o painel secreto da parede abrir-se. Fritz apareceu quase no mesmo instante. Ela notou que ele era, de fato, um homem encantador, mesmo usando as roupas rústicas com as quais se disfarçava.

Via-se que era um cavalheiro bem educado e de excelente linhagem.

— Onde está Henriët? — ele perguntou, vendo Catherine sozinha. — O príncipe suspeitou que ela esteve aqui?

— Não. Ele não tem ideia disso. Chegamos ao outro lado do jardim antes que ele aparecesse à nossa procura. Eu lhe disse que esperava ver o couraçado no porto. — Catherine sentou-se sobre o tapete. — Vim expor-lhe o meu plano e preciso de sua inteligência.

— O que tem em mente? — o major indagou sem esconder sua ansiedade ao sentar-se de frente para Catherine.

— Em primeiro lugar quero entregar-lhe isto. — Ela deu-lhe o revólver. — Henriët estava disposta a matar-se com esta arma caso fosse obrigada a se casar com o duque.

— Como ela pôde pensar em tal loucura? — tornou Fritz, pasmado. — Henriët é linda, jovem, e acabará me esquecendo.

— Impossível. Em princípio eu não acreditei que ela seria capaz de se matar, mas agora não tenho mais dúvidas disso.

Os lábios de Fritz se comprimiram. Sua expressão era de dor. Pegando a arma, ele guardou-a no bolso do paletó.

— O que posso fazer? — perguntou.

— Estou convencida de que Henriët acabará com a própria vida se não se casar com você. Mesmo tendo ficado sem o revólver ela poderá suicidar-se de outra forma — Catherine observou. — Amo Henriët como se fosse minha irmã e não me perdoarei se ela cometer uma loucura. Portanto, o que me ocorreu foi que, para salvá-la, devo tomar o lugar dela.

Os olhos de Fritz se arregalaram.

— Como?! O que está querendo dizer com isso?

— Eu me casarei com o duque — Catherine revelou. — Devemos ter muito cuidado para ninguém suspeitar que ele não está se casando com a filha do príncipe de Ístria.

— É um plano louco demais! — Fritz protestou, — Como você pretende ocupar o lugar dela?

— Ouça: eu estarei com o rosto coberto pelo véu na hora do casamento. Você levará Henriët para longe bem antes de eu ir para a catedral com o príncipe Adolphus. Ninguém deve saber do que aconteceu até que eu tenha partido para a Inglaterra.

— Tenho um iate. Estou dormindo nele, enquanto todos pensam que fui visitar minha mãe que mora a milhas de distância daqui. Posso levar a embarcação para outra baía ao longo da costa, cerca de meia milha de distância daqui — sugeriu Fritz.

— Como vocês chegarão ao iate? — Catherine inquiriu.

— Teremos de caminhar. Cortaremos caminho andando pelos campos. Será melhor Henriët vir ao meu encontro amanhã à noite, quando todos estiverem dormindo — o major recomendou. — Virei buscá-la à uma da manhã e ao romper do dia já estaremos longe daqui.

— Apesar de o príncipe ter dobrado a guarda ao redor do palácio desde a chegada do duque, acredito que não será difícil para Henriët sair do palácio tarde da noite. Posso afirmar que a guarda foi montada mais para impressionar Sua Alteza — Catherine falou em tom casual.

— Sei que à uma da manhã mesmo as melhores sentinelas ficam sonolentas — comentou Fritz.

Catherine riu.

— Tem razão. É comum ver os guardas cochilando, com a cabeça inclinada sobre o mosquete. Seja como for, Malca saberá evitá-los quando vier trazer Henriët.

— Ela adora Henriët e está aborrecida desde que soube que a "sua criança" iria se casar contra a vontade e com um homem de outra nacionalidade — comentou Fritz.

— É verdade — Catherine concordou. — Malca ficará radiante quando souber do plano de fuga de vocês.

— Eu nem sei o que lhe dizer para expressar a minha felicidade e a minha gratidão — disse Fritz com sinceridade. — Você tem sido maravilhosa.

— Ainda é cedo para me agradecer. Ah, um detalhe importante: sei que Henriët precisará de sua criada pessoal. Então eu a levarei comigo quando partir para a Inglaterra; Malca desembarcará no primeiro porto onde fizermos escala. A partir daí você combinará com ela se a pegará nesse porto ou se ela deve ir ao seu encontro. Arranjaremos dinheiro suficiente para ela poder viajar.

— Acho a segunda hipótese mais segura — Fritz opinou.

Tanto ele como Catherine sabiam que se alguém no palácio tivesse a menor suspeita de que ele e Henriët estavam fugindo, o iate seria

seguido por todos os navios da armada do príncipe. Até mesmo o couraçado inglês poderia ir atrás deles.

— Bem, eu não perguntei para onde você e Henriët pretendem ir.

— O mundo é muito grande e me interessa por inúmeros países. Ficaremos fora durante muito tempo, embora eu saiba que sentirei saudades de minha casa ancestral e de minhas propriedades — respondeu Fritz. — Um dia voltaremos. Sei que, como eu, Henriët há de querer que nossos filhos sejam criados na Áustria, que, para nós, é o país mais lindo de toda a Europa.

— É o que eu penso — anuiu Catherine.

— Se Henriët concordar comigo, iremos à Índia e depois ao Japão — Fritz acrescentou.

— Estando do seu lado Henriët se sentirá feliz, em qualquer lugar do mundo. Para ela só existe você. Será um crime forçá-la a se casar com um inglês que, a meu ver, não pensa em ninguém mais senão em si próprio.

— Mas você está disposta a fazer esse sacrifício — apontou Fritz.

— Bem, eu não estou apaixonada por outro homem — alegou Catherine. — Além disso, acredito que o casamento será anulado. Mas, por enquanto, não quero pensar na confusão que será quando o duque descobrir que está com a esposa errada.

Passou pela mente de Catherine que Sua Alteza ficaria furioso ao saber que se casara com outra e não com a esposa escolhida para ele pelo imperador da Áustria e a rainha Vitória. Mas era um assunto para ser considerado mais tarde. Por enquanto, ela devia pensar em Henriët e não em si própria.

— Tudo o que posso dizer é que jamais conheci uma mulher tão corajosa e altruísta — Fritz estava dizendo.

— Eu não me perdoaria se não pudesse impedir Henriët de fazer uma loucura. Agora preciso ir. — Catherine ficou de pé. — Desejo que vocês sejam muito felizes. Eu não me sacrificaria caso não tivesse certeza de que você e Henriët foram feitos um para o outro. Quando eu contar a ela o que ficou combinado, posso imaginar a sua felicidade e o seu entusiasmo. Só receio que ela não consiga disfarçar tanta alegria e acabe por levantar suspeitas.

— É melhor ela descer para jantar com o noivo, mas amanhã não aparecer diante dele — Fritz aconselhou.

— Ótima ideia — Catherine aprovou. — Amanhã direi ao príncipe que sua filha está com dor de cabeça. Afinal, toda noiva tem o direito de ficar indisposta com os preparativos e a agitação do casamento.

— Sem dúvida. — Fritz tomou a mão de Catherine nas suas. — Pelo resto da vida eu lhe serei agradecido, Catherine. Graças ao seu gesto serei o homem mais feliz do mundo. Só lamento que você terá sérios problemas por nossa causa.

— O importante é que você e Henriette sejam felizes. Quanto a mim, por mais difíceis que sejam as coisas, o sacrifício valerá a pena. Bem, adeus. Tome cuidado para que não o vejam. — Catherine estendeu a mão para o major que a apertou.

— Tenho tido o maior cuidado e sempre me disfarço quando venho até este esconderijo. Adeus.

Fritz passou pela porta secreta que se fechou em seguida e Catherine voltou para o palácio.

Quando entrou no quarto de Henriette encontrou-a deitada, tendo Malca do seu lado.

— Oh, que bom vê-la de volta! — exclamou Henriette, sentando-se na cama. — Estou morrendo de aflição. O que aconteceu?

Recusando a cadeira que Malca lhe ofereceu, Catherine sentou-se na borda da cama.

— Está tudo arranjado — revelou, tranquilizando a amiga. — De agora em diante o sucesso de sua fuga com Fritz vai depender de você e Malca.

— Oh, querida Catherine, então você viu Fritz? O que vocês combinaram? — Henriette perguntou, ansiosa.

Catherine abaixou bem a voz para responder:

— Amanhã ele estará à sua espera, na cabana, à uma da manhã.

— Então... eu vou mesmo partir com ele? — indagou Henriette, mal podendo acreditar que aquilo era verdade. — Oh, amiga, isto é maravilhoso! Mas... e se papai mandar seus soldados atrás de nós?

Seu pai não terá a menor ideia da fuga de vocês. Quando ele descobrir o que aconteceu você e Fritz já estarão casados e eu estarei face a face com o duque, no couraçado, viajando para a Inglaterra.

— Você e o duque... no couraçado? Como? — Era evidente a confusão de Henriët.

— Eu casarei com o duque no seu lugar — esclareceu Catherine.

Henriët deu um grito.

— Oh, não! Você não fará isso! Nem mesmo para me salvar eu permitirei que você se case com aquele homem odioso e arrogante! — protestou Henriët.

— Será você ou eu — argumentou Catherine. — A questão é dar tempo de você e Fritz fugirem. O meu casamento com o duque certamente será anulado.

— Oh, querida Catherine! Você é maravilhosa! — Henriët abraçou a amiga. — Nunca imaginei que seria capaz de fazer um sacrifício tão grande por mim.

— Foi o que me ocorreu para que você e Fritz se casassem. Acredito que o casamento de ambos será realizado pelo capitão do iate e será perfeitamente legal.

Os olhos de Henriët brilhavam intensamente. Agora ela estava muito diferente da garota pálida e desalentada que Catherine deixara chorando quase uma hora atrás.

— Fritz aconselhou-a a descer para jantar com seu pai e o duque, mas não aparecer amanhã diante dos dois. Você deverá descansar para estar bem disposta quando se encontrar com o major na cabana. Espero que todos no palácio estejam dormindo a essa hora. Deixe o resto por minha conta. O duque só terá consciência do que aconteceu depois que estivermos viajando no couraçado. A esta altura você e Fritz também estarão casados.

— Ninguém pode ser mais amável e mais generosa do que você. Mas estou preocupada com o que lhe acontecerá... quando o duque descobrir esta farsa — murmurou Henriët.

— Eu disse a Fritz que a amava como se fosse uma irmã e não suportaria vê-la infeliz. De mais a mais, não estou apaixonada por ninguém e, posso dizer, conseguirei enfrentar a fúria do duque — tornou Catherine.

— Estarei rezando por você e pela sua felicidade. Se eu não soubesse que o casamento poderia ser anulado, não permitiria que você fizesse tamanho sacrifício por mim — assinalou Henriët.

— Só estou pensando na sua felicidade e na de Fritz.

— É tão grande a minha felicidade que me sinto flutuando no ar e chegando às estrelas. Amo Fritz e sei que ele me ama. Nunca lhe pagarei o que você está fazendo por nós — declarou Henriët.

— Bem, será melhor não contar com o êxito do nosso plano cedo demais. Haverá muitos riscos para nós três até estarmos perfeitamente salvos.

— É verdade — concordou Malca que acompanhara a conversa com grande interesse. — Vamos pedir ao Senhor que nos proteja.

Ela fez o sinal da cruz ao dizer isso.

Mentalmente Catherine fez uma oração para que Deus os ajudasse.

CAPÍTULO IV

No dia seguinte, Henriët e Catherine ficaram nos seus aposentos. À noite, Malca terminou de arrumar a bagagem de Henriët. Colocou em uma pequena mala apenas o que julgou essencial.

— Você terá o necessário para usar durante alguns dias, minha querida — avisou. — Quando eu for ao seu encontro, levarei o restante da bagagem. Nesta irá o seu enxoval, claro.

— Lamento privá-la de sua criada pessoal, ainda que por pouco tempo. Sei como Malca lhe é indispensável — Catherine falou, pesarosa.

— Não se preocupe com isso — Henriët tranquilizou-a. — É verdade que me sinto meio perdida sem Malca, pois ela me criou e tenho nela uma amiga e conselheira. Mas conseguirei arranjar-me.

A criada sorriu, envaidecida. Disse em seguida:

— Bem, mesmo estando casada com o homem mais maravilhoso do mundo, você precisará dos cuidados constantes de alguém. E ninguém sabe cuidar de você melhor do que eu.

— Claro que não. Você é insubstituível — disse Henriët. — Fui entregue aos seus cuidados desde que nasci e espero tê-la do meu lado assim que Catherine se afastar de Ístria.

— Só ficarei sossegada quando tiver certeza de que você está em segurança e bem longe daqui, minha querida. Agora quero saber como irei ao seu encontro quando deixar o couraçado, no primeiro porto de escala — especulou Malca.

— Esta noite, quando você for levar-me ao encontro de Fritz, ele certamente a instruirá sobre como e onde nos encontrar — respondeu Henriët.

— Quero que você separe os trajes para eu usar durante a viagem. Eu trouxe pouca roupa comigo — pediu Catherine. — Felizmente temos o mesmo tamanho.

— Você é mais magra do que eu — observou Henriët. — Malca poderá ajustar alguns vestidos enquanto estiver no navio. Também faço questão de deixar para você dois dos vestidos novos do enxoval.

— Suponho que faremos a primeira escala só depois de três dias de viagem — opinou Malca. — Será tempo mais do que suficiente para eu reformar um guarda-roupa.

— Sei disso — assentiu Catherine. — Conheço as suas habilidades.

O pensamento de que teria de enfrentar a fúria do duque quando estivesse no couraçado fez com que ela estremecesse. Chegou a imaginar-se sendo atirada no mar.

Ao mesmo tempo, reconheceu que Sua Alteza teria razão para ficar furioso ao constatar que se casara com a noiva errada. Isso o tornaria objeto de riso dos amigos.

"Esse problema será resolvido depois", refletiu, encolhendo os ombros. "Um homem tão arrogante merece sofrer uma decepção dessas."

Notando o silêncio de Catherine e certa de que ela estava preocupada, Henriët perguntou-lhe:

— Está pensando no duque, não? O que você fará se ele mostrar-se desagradável, até rude mesmo, ao saber que foi enganado?

— Sei que ele ficará muito zangado mas, dadas as circunstâncias, ou ele anulará o casamento ou me aceitará como esposa. Afinal, os ingleses sabem como ninguém "tirar o maior proveito de um mau negócio".

— A rainha Vitória também ficará muito, muito zangada — assinalou Henriët.

Sem dúvida, outras pessoas, além do duque e da rainha Vitória ficariam zangadas: o príncipe Adolphus, o imperador da Áustria e isso afetaria seu pai, Catherine pensou. Entretanto, não fez comentário algum.

De que adiantaria falar sobre o que não poderia ser modificado? A sorte estava lançada. De agora em diante era aguardar os acontecimentos.

Foi a esperta Malca quem lembrou de um detalhe importante:

— Estive pensando que se Catherine será a noiva no lugar de Henriët, Sua Alteza Real e o duque acharão muito estranho se não a virem na hora do casamento. Portanto, Catherine, para todos os efeitos, deve "desaparecer".

— É claro! — Henriët deu um pequeno grito. — Eu não havia pensado nisso.

— Você tem razão, Malca — Catherine concordou. — Esta noite, ao jantar, me despedirei do duque, lhe desejarei boa sorte e avisarei tio Adolphus que voltarei para casa amanhã bem cedo. Alegarei que Henriët acha que ficará menos emocionada se eu não estiver na catedral na hora do casamento.

Malca e Henriët aprovaram a ideia e Catherine foi para seus aposentos. Pouco depois, Malca apareceu com o vestido de noiva que acabara de chegar. Era, certamente, o vestido mais lindo e mais rico que ela já vira.

Assim que a criada saiu, Catherine foi até a janela. Estava melancólica; não pôde deixar de refletir que gostaria de usar um vestido como aquele para se casar com o homem por quem estivesse apaixonada. Sempre havia sonhado que um dia iria conhecer um homem alto, forte e belo. Então os dois se apaixonariam e o casamento de ambos seria aprovado pelas duas famílias. O dia das núpcias seria o mais lindo e o mais importante da vida dos noivos e jamais seria esquecido.

Em lugar do sonho, Catherine continuou a refletir, viveria um pesadelo. Seria impossível prever a intensidade da fúria do duque

quando ele soubesse que fora enganado. Só de pensar que na noite seguinte estaria viajando com ele, sentiu um calafrio.

A entrada de Malca no quarto tirou-a de suas reflexões. A criada trazia na mão o rico véu de noiva.

— Adaptei uma parte dupla de tule no véu, de modo a cobrir-lhe melhor o rosto. Ao final da cerimônia, você deve ter o cuidado de erguê-lo parcialmente, deixando-a meio caída de modo a não permitir que a vejam direito — recomendou a criada. — Experimente o véu para vermos como fica.

Caterine atendeu ao pedido de Malca e esta, não muito satisfeita, sugeriu:

— Você deve estar de cabeça baixa e chorando quando erguer o véu. Desta forma Sua Alteza não a beijará e não terá ideia de que sua noiva é uma impostora.

— Isso mesmo — Caterine assentiu. — Vamos avisar tio Adolphus que Henriët está muito nervosa por ter de deixá-lo e partir para outro país. Então, ele não achará estranho quando me vir chorando na catedral. Considero-me uma boa atriz e saberei desempenhar bem o meu papel.

— Disso não tenho dúvidas. Até poucos anos atrás você e Henriët eram brilhantes quando representavam as peças natalinas — lembrou Malca.

— Agora eu devo ser ainda melhor na minha encenação do que no passado. Logo mais direi a Sua Alteza Real que a noiva está à beira de um ataque nervoso. Portanto, será melhor ele não se mostrar muito afetuoso com a filha; dessa forma Henriët não sofrerá tanto ao deixá-lo.

Malca assentiu com a cabeça e acrescentou:

— Diga também a Sua Alteza Real que no estado em que Henriët está, ela talvez faça uma cena no último instante, pois não suporta a ideia de separar-se dele por amá-lo demais. E amanhã estarei no navio à sua espera; quando você chegar, depois da cerimônia religiosa, a levarei imediatamente para a sua cabine, uma vez que, para todos os efeitos, você estará a ponto de sofrer um colapso nervoso. Farei o possível para impedir o duque de vê-la.

— Ótima ideia — Caterine aprovou. — Isso nos dará tempo de partir. Quando estivermos no mar alto será impossível ele me mandar de volta.

— Bem, vou terminar o arremate do véu, depois poderei cuidar de minha criança. Ela está muito preocupada com você.

Malca deixou o quarto e fechou a porta atrás de si. Catherine voltou para a janela. O sol ainda brilhava, mas as sombras tornavam-se cada vez mais longas.

"Amanhã a esta hora estarei no navio, em pleno mar, com o duque", pensou. "Será um pesadelo ficar à espera de que ele descubra que foi enganado."

No mesmo instante ela disse a si mesma que não devia temer o duque. Afinal, o comportamento dele não podia ser considerado irrepreensível.

Ele viera da Inglaterra e não fizera o menor esforço para mostrar-se afetuoso com a futura esposa. Pelo contrário, mostrara-se o tempo todo frio e reservado; quase rude mesmo.

Nada mais natural que Henriët, uma jovem sensível e delicada, o tivesse detestado assim que o conheceu e achasse inconcebível a ideia de tornar-se sua esposa.

"O que vou fazer é detestável e arriscado, mas tenho de salvar Henriët", Catherine pensou. Mais uma vez lhe ocorreu que estava abrindo mão de seu sonho de se casar por amor. Então ela e o marido seriam tão felizes como haviam sido seus pais.

Cenas familiares do príncipe Otto beijando e abraçando a esposa e do modo carinhoso como os dois se tratavam vieram-lhe à mente. O casal era tão feliz que sua felicidade parecia encher todo o palácio. Fora nesta atmosfera de amor que Catherine havia sido criada.

Mas um amor igual ao que existira entre seus pais ela jamais iria conhecer. De repente, Catherine se questionou se a mãe, caso ainda vivesse, desaprovava o que ela planejava fazer.

Invadiu-a uma sensação de paz. Foi como se a mãe lhe estivesse dizendo que a compreendia, que seu gesto era louvável e que tudo iria dar certo.

Era hora de preparar-se para o jantar e Catherine foi ao quarto de Henriët para ver o que a amiga estava fazendo. Encontrou-a dormindo.

— Achei melhor Henriët repousar um pouco — disse Malca em voz baixa. — Ela precisa estar descansada e bem disposta para a aventura

que a espera. Vou deixar que ela acorde por si mesma e então lhe trarei o jantar.

— Vou aprontar-me e quando descer falarei com tio Adolphus sobre o estado de Henriët. Voltarei para junto dela o mais depressa possível. Tio Adolphus compreenderá que a filha, no estado de nervosismo em que se encontra, há de querer ficar agarrada a mim.

— É verdade. Se isso não servir para "jogar areia nos olhos" do príncipe, nada mais servirá — disse Malca, provocando o riso de Catherine.

Era grande o número de convidados para o jantar. Muitos deles trouxeram presentes para os noivos e Catherine recebeu-os em nome de Henriët.

A esposa do primeiro-ministro segredou a Catherine:

— Tenho pena da nossa pobre princesa. Ela nunca esteve na Inglaterra e não conhece os ingleses. Ouvi dizer que todos temem a rainha Vitória.

— Também ouvi a mesma coisa — tornou Catherine. — Mas Sua Alteza é um dos favoritos de Sua Majestade e ela será amável e compreensiva com Henriët.

— Bem, é numa situação destas que dou graças aos céus por não pertencer à realeza — volveu a mulher. — Casei-me com meu marido porque o amava e era amada por ele. Temos vivido felizes todos estes anos. A meu ver todo casamento deve ser assim.

Catherine concordou com ela. Ao mesmo tempo, considerou que o duque devia ser um homem difícil de amar. Pelo menos uma coisa era certa: depois de ter sido enganado, ele só poderia odiar a mulher que o fizera de tolo.

O jantar festivo arrastou-se por quase duas horas. A conversa foi principalmente sobre política. Os convidados não deixaram de condenar o modo como a Rússia vinha agindo nos Bálcãs.

Todos se mostraram muito gentis com o duque e mencionaram que a união dele com a princesa Henriët estreitaria os laços entre a Grã-Bretanha e Ístria. Desta forma seria mais difícil para a Rússia interferir nos assuntos do país.

Ao término do jantar, o duque fez um pequeno discurso. Falou que se sentia honrado por ter vindo a Ístria e estava emocionado pela recepção que tivera. Mencionou que o retrato a ser levado para a Inglaterra era o de um povo feliz e de um país que se tornava cada vez mais próspero.

Encerrou seu discurso dizendo:

— Só lamentamos que alguns países vizinhos de Ístria tenham uma história diferente para contar. Espero que no futuro eles sejam bem mais fortes e possam resistir aos inimigos. Naturalmente, toda e qualquer violação da independência desses países é reprovada por Sua Majestade, a rainha Vitória.

Sua Alteza foi muito aplaudido. Mas Catherine achou que as palavras do duque não serviam de consolo para os principados e pequenos reinos dos Bálcãs que estavam sendo tomados pelos russos, um a um.

Foi a vez de o príncipe Adolphus discursar. Ele enfatizou que era grande a sua alegria por estar mais ligado à Inglaterra do que nunca, uma vez que sua filha iria tornar-se a duquesa de Dunlerton.

Disse para terminar:

— Lamento que minha filha não esteja conosco no momento. Mas todos compreendem que ela terá a cerimônia de casamento e uma longa viagem pela frente, o que será cansativo para uma noiva tão jovem. Agradeço em nome dela os presentes de casamento que lhe trouxeram e proponho um brinde especial para os noivos. Que ambos sejam muito felizes juntos.

Todos ergueram seus copos e beberam à felicidade dos noivos. Catherine apenas levou o copo aos lábios mas não bebeu, achando que seria mau agouro brindar a si mesma.

Observando aquelas pessoas tão eufóricas, questionou-se o que elas diriam quando ficassem sabendo, mais tarde, que haviam sido enganadas. A noiva do duque não seria de Ístria, mas de Theiss!

Todos deixaram o salão de banquete e foram para o salão de recepções. Só meia hora depois Catherine pôde falar com o príncipe. Elogiou-o pelo discurso, avisou que partiria na manhã seguinte mal o dia clareasse e deu-lhe um beijo de despedida.

Ao fazer uma mesura diante do duque notou que ele parecia aliviado por ver-se livre daquele jantar e da maioria dos convidados, pois quase todos já se haviam retirado.

Quando Catherine chegou ao quarto de Henriët ficou surpresa ao encontrá-la já vestida, usando um conjunto de lãzinha. Estendida sobre a cama estava uma capa longa, escura. Apesar de ser verão, a brisa marinha era bem fria à noite.

— Já está pronta! — Catherine exclamou.

— Acordei há pouco mais de uma hora — respondeu Henriët. — Malca foi levar a minha bagagem para a cabana.

— Não será arriscado? Ainda é tão cedo e há guardas por toda parte.

— Malca é muito prudente e jamais correria riscos desnecessários — disse Henriët. — Antes de sair do palácio ela certificou-se de que não havia ninguém lá fora, na parte do jardim que conduz à cabana. Ao que parece até os guardas estão bebendo à saúde dos noivos. Assim que Malca voltar, irei até a cabana com ela.

— Mas são apenas onze horas! — objetou Catherine.

— Acredito que Fritz estará na cabana bem antes da uma. Mas se eu tiver de esperar por ele, não tem importância. Ficar aqui, ansiosa, contando as horas será bem pior. Estou rezando para Fritz adiantar-se; será mais arriscado andarmos pelos campos quando a lua estiver alta no céu. Poderemos ser vistos a caminho do mar.

— Você tem toda razão — Catherine assentiu.

— Eu gostaria que você fosse comigo até a cabana, mas não convém arriscar-se. Por favor, tranque a porta deste quarto assim que eu sair — pediu Henriët. — Nosso plano irá por água abaixo se alguém entrar aqui e descobrir que não estou.

— Não se preocupe, querida, trancarei o quarto — Catherine prometeu. — Tudo vai dar certo.

Henriët segurou a mão da amiga e acrescentou:

— Caso um dos guardas nos veja, direi que saí apenas para dar uma volta pelo jardim e respirar o ar puro, pois me sentia sufocar dentro do palácio, e Malca me acompanhou. Não levantaremos suspeitas, pois estaremos sem a bagagem.

— Você pensa em tudo — apreciou Catherine. Ocorreu-lhe que o amor estava fazendo com que Henriët usasse mais o seu cérebro. — Mas antes de nos separarmos quero saber como poderei comunicar-me com você e Fritz, caso alguma coisa saia errado.

— Tenho aqui os lugares para onde iremos e os endereços de amigos de Fritz que estarão em contato constante conosco. Você poderá escrever-nos ou mandar-nos um telegrama. — Henriët entregou uma folha de papel a Catherine. — Dei a Malca uma cópia destes nomes e endereços.

— Malca também precisará de dinheiro — Catherine lembrou.

— Claro. Não me esqueci disso. Entreguei-lhe uma boa quantia. Será mais do que suficiente para ela viajar ao nosso encontro, onde quer que estejamos. — Num impulso, Henriët abraçou a amiga. — Quero agradecer-lhe muitas e muitas vezes por estar sendo tão maravilhosa, mas não há palavras que possam expressar a minha profunda gratidão.

— Não diga nada. Para mim basta saber que você e Fritz serão felizes para sempre — Catherine falou com bondade. — Tenho certeza de que assim que seu pai se refizer do choque, há de querer vê-la de volta com seu marido.

— Você nem imagina como me dói deixar papai desta maneira... — Henriët murmurou. — É claro que desejo voltar para junto dele mas... ele terá de me perdoar e perdoar Fritz.

— É natural que tio Adolphus fique zangado em princípio, mas ele é compreensivo e, passado o primeiro instante de raiva, os perdoará, claro — Catherine assegurou. — Bem, agora o que nos deve preocupar é que você e Fritz partam no iate em segurança. Será um desastre se no último instante a fuga de vocês for descoberta. Nem quero pensar no que seu pai poderá fazer.

— Por que pensar no pior? Tenho confiança de que tudo vai dar certo — Henriët falou com convicção. — Só lamento ter de deixá-la sozinha para enfrentar a fúria do duque.

— Se a situação for insustentável posso atirar-me ao mar — brincou Catherine. — Mas deixe de pensar em mim ou nos meus problemas. Lembre-se de que em breve estará casada com Fritz e ambos serão imensamente felizes.

— O que me tranquiliza é saber que você é muito inteligente e ponderada. Certamente encontrará um meio de abrandar a cólera do duque — observou Henriët.

— Eu gostaria de ter esta certeza. — Catherine suspirou.

— Ah, esqueci-me de lhe dizer que Fritz mudará seu nome para Victor, de "vitorioso". Bem escolhido, não? Ele venceu a batalha mais difícil de sua vida.

— E você, como passará a se chamar? É claro que não poderá ser a princesa Henriët.

— Meu novo nome é Rose-Marie — respondeu Henriët. — Quando Fritz e eu nos casarmos seremos monsieur e madame Leon. Quanto ao iate, que tinha um nome austríaco, agora é o *Rose-Marie*, em minha homenagem e será francês, oficialmente.

— Isso tornará muito mais difícil descobri-los ainda que tio Adolphus ponha seus navios à procura de vocês — salientou Catherine.

— Fritz pensou em tudo. E você, quando nos escrever não esqueça de que seus amigos são madame Rose-Marie Leon e monsieur Victor Leon — Henriët insistiu.

— Terei isso sempre em mente — asseverou Catherine.

— Vamos comprar um presente maravilhoso para você e mandá-lo para a Inglaterra, mas não deixe o duque saber quem o enviou — disse Henriët.

Ocorreu a Catherine que possivelmente ela não estaria mais com o duque. Porém não expressou o pensamento em voz alta. Disse apenas:

— Não se preocupe em comprar um presente para mim. Tudo o que desejo é que você e Fritz tenham uma lua-de-mel maravilhosa e que não deixem de entrar em contato comigo.

As duas amigas ainda conversaram quando Malca entrou no quarto.

— Os guardas estão bebendo à saúde dos noivos e, pelo visto, dentro de uns quinze minutos estarão cambaleando — informou a criada. — Podemos sair do palácio sossegadas; eles não serão capazes de ver nada estranho no jardim.

— O que eles estão bebendo? — Catherine quis saber.

— Champanhe do melhor — respondeu Malca. — Estão apreciando cada gole da bebida.

— Champanhe?! — Henriët admirou-se. — Papai não costuma ser tão generoso a ponto de servir o melhor champanhe aos serviçais.

Malca sorriu.

— Talvez eu tenha entendido mal a ordem de Sua Alteza Real quando disse na cozinha que todos deviam brindar com champanhe à felicidade dos noivos.

— Oh, Malca! Você tramou tudo isto! — Henriët deu um pequeno grito. — A sua intenção era deixar os guardas embriagados!

— Não foi essa a minha intenção. Devo ter entendido mal a ordem de Sua Alteza Real — tornou a criada de modo nada convincente. — Agora vamos, querida! Temos de sair do palácio enquanto a costa está livre.

Indo até a cama ela pegou a capa, colocou-a nas costas de Henriët e cobriu-lhe a cabeça com um lenço preto que tirou do bolso.

— Obrigada, muito obrigada, querida — Henriët agradeceu, abraçando Catherine e beijando-a no rosto. — Não há palavras para expressar o que sinto.

— Seja feliz — desejou Catherine. — Abrace... Victor por mim e me mande notícias o mais depressa possível.

— Mandarei. Espero voltar a vê-la em breve. Mais uma vez, muitíssimo obrigada.

Da porta, Malca sussurrou para Henriët, apressando-a, e segundos depois as duas seguiam pelo corredor para alcançar a escada dos fundos, pela qual desceram até a porta lateral que se abria para o jardim.

Indo até a janela Catherine ficou observando as duas caminhando apressadas entre os canteiros e depois seguindo rente à sebe de rododendros até desaparecerem de vista.

Fechou a janela e começou a trocar-se, ciente de que, de agora em diante seria Henriët. Só esperava não cometer nenhum deslize que poria a perder todo o seu plano.

Antes de descer para o jantar ela já havia deixado arrumadas num baú todas as coisas que desejava levar na viagem. Só restava Malca terminar de arrumar o enxoval de Henriët. As últimas peças seriam entregues pela manhã.

Quando o cortejo nupcial seguisse para a catedral, a criada e toda a bagagem seriam levadas para o couraçado.

Só ao deitar-se Catherine percebeu como estava cansada. Tinha, porém, a mente bem desperta. Por um instante, refletiu sobre tudo o que teria de fazer no dia seguinte para que nada fosse esquecido.

Afinal, adormeceu e não viu quando Malca entrou no quarto de mansinho. A criada parou perto de leito e vendo Catherine imóvel apagou as velas do candelabro e murmurou:

— Pobre criança! Não quero nem pensar no que aquele inglês carrancudo e arrogante fará com ela.

Malca afastou-se tateando no escuro até a porta e deixou o quarto.

Catherine acordou antes de Malca vir chamá-la. Levantou-se e correu para a janela. Ao afastar as cortinas a primeira coisa que lhe ocorreu foi que o dia estava radioso.

A segunda foi que iria casar-se com um homem com o qual mal havia falado e que o tempo todo pareceu ignorá-la, como se a achasse uma pessoa sem importância.

"Nunca me passou pela cabeça que ao vir para este palácio, ao encontro de Henriette, eu me envolveria numa farsa como esta", pensou.

Afastou o pensamento depressa e, decidida, disse a si mesma que não poderia voltar atrás. Henriette e Fritz já deviam estar casados e ela teria de encarar os fatos de maneira destemida, mesmo sabendo que não seria fácil.

Pelo menos já pensara cuidadosamente em tudo o que teria de fazer. Tinha consciência de seus gestos e suas palavras deviam ser uma cópia, a mais perfeita possível, dos gestos e palavras de Henriette.

Acreditava que isso não seria muito difícil, pois conhecia a amiga como ninguém e sob muitos aspectos eram bem parecidas. Além disso, fazendo-se passar por uma noiva chorosa que estava sofrendo por ter de separar-se do pai, iria favorecer a representação de sua farsa.

Ela ainda estava à janela quando Malca entreabriu a porta e espiou o interior do quarto.

— Oh, já está de pé! Levantou-se tão cedo! — observou a criada.

— O que aconteceu ontem à noite? — perguntou Catherine, assim que Malca fechou a porta. — Eu já estava dormindo quando você voltou da cabana.

— Tudo correu muito bem. Como eu já esperava, não havia ninguém por perto e chegamos à cabana sem problemas. Foi maravilhoso o encontro dos dois.

— Então Fritz já estava esperando por vocês?

— Sim, estava e parecia muito mais ansioso do que a noiva. Os dois foram imediatamente para o iate que os esperava numa pequena baía — informou a criada.

— Estou feliz por eles. Pelo menos essa parte do plano deu certo — Catherine alegrou-se.

— Muito certo — Malca confirmou. — Eles estavam no auge da felicidade. Nunca vi um casal tão radiante. Quando a minha criança despediu-se de mim, disse: "Vá ao nosso encontro o mais depressa possível, Malca. Não esqueça que não posso viver sem você. Mas, em primeiro lugar, cuide com carinho da princesa Catherine e diga-lhe que ela foi maravilhosa e, graças a ela, sou a mulher mais feliz do mundo. Estarei rezando por ela e para que tudo corra bem". Foi isso que a minha princesinha pediu-me para lhe dizer, Catherine.

A voz de Malca demonstrou que ela estava muito emocionada.

— Obrigada. É um grande alívio ouvir notícias tão boas — Catherine falou suavemente.

— Como Henriët, também estarei rezando por você — enfatizou Malca.

— Vou precisar mesmo de muitas orações. O pior ainda está por vir.

— Vou buscar o seu *breakfast*. Depois preparo seu banho. Não quero saber de qualquer outro serviçal se aproximando deste quarto — disse Malca com seu habitual zelo.

Quando ela voltou com uma bandeja cheia de delícias, Catherine sentou-se à mesa que havia no quarto, mas serviu-se apenas de café e um *croissant* com mel. Não tinha fome e só de ver os sanduíches, bolos, os pratos de ovos e presunto sentiu enjoo.

— Você precisa comer mais alguma coisa se não quiser desmaiar na catedral — Malca advertiu-a.

— Boa ideia. Posso fingir que vou desmaiar — disse Catherine, pensativa. — Por falar nisso, ocorreu-me que seria bom você avisar o príncipe que a filha dele não quis comer e está mais nervosa do que nunca. Portanto, quanto menos ele falar com ela e demonstrar-lhe carinho, melhor. Caso contrário Henriët não terá forças para deixar Ístria e tudo o que lhe é caro.

— Compreendo. Irei falar com Sua Alteza Real — Malca prontificou-se. — Em seguida lhe preparo o banho.

Caterine acompanhou a criada até a porta para trancá-la imediatamente, receando que alguém quisesse entrar para desejar-lhe boa sorte.

Enquanto aguardava a volta de Malca ficou pensando em Henriët. Imaginou-a no iate com o homem que amava, já casados e bem distante dali. Mentalmente fez uma prece para que eles não tivessem problemas durante a viagem e que não fossem reconhecidos.

De volta ao quarto, Malca estava sorridente.

— Falei com Sua Alteza Real. Deu tudo certo — avisou. — O príncipe ficou penalizado ao saber que a filha está tão infeliz.

— É mesmo? O que ele disse? — Caterine quis saber.

— Ele prometeu fazer tudo para manter a filha bem calma — Malca respondeu. — Percebi que o que menos Sua Alteza Real deseja é que haja uma cena a caminho da catedral ou na hora do casamento.

— Era tudo o que eu queria saber. Estou mais tranquila e o véu me protegerá. — A voz de Caterine soou confiante.

Não havia pressa e ela tomou o banho relaxante que Malca lhe preparou. Vestiu devagar o vestido de noiva que era um sonho. Para fazer um traje tão rico, tão elaborado e com tantos bordados como aquele, ela imaginou, as costureiras e bordadeiras deviam ter trabalhado algumas centenas de horas nele.

O resultado era compensador: não haveria quem deixasse de admirá-lo. Ficou perfeito em Caterine. Sabendo que a cintura desta era mais fina do que a de Henriët, Malca tivera o cuidado de ajustá-lo, deixando-o na medida certa.

Para que os cabelos da noiva não ficassem em evidência, pois eram mais claros do que o de Henriët, Malca prendeu-os de modo a ficarem ocultos quando ela pusesse o véu e a tiara.

Chegou o momento de colocar o colar de pérolas e brilhantes. Tirando-o do estojo, Malca observou:

— Parece que Sua Alteza adivinhou que este belíssimo colar ficaria perfeito com um vestido de noiva tão rico quanto este. É uma pena que a minha criança não pôde ficar com ele.

— Posso afirmar que Henriette não aceitaria coisa nenhuma do duque, ainda que não fosse jóia de família — ressaltou Catherine.

— É verdade. Mas ela não precisa de jóias! Seu marido, monsieur Leon, como devo passar a chamá-lo, poderá comprar para a esposa um colar muito mais precioso do que este — Malca falou com orgulho.

— É claro que sim — concordou Catherine, rindo.

— Vejamos agora como ficará a peça mais importante do seu disfarce — disse a criada, erguendo o véu e colocando-o sobre a cabeça de Catherine.

Malca prendeu-o com a tiara e o resultado foi surpreendente. O rosto e os cabelos da noiva ficaram tão bem cobertos que ninguém suspeitaria que ela não era Henriette.

A situação crítica seria na hora de ela sair da catedral. Sabendo disso, Catherine treinou diante do espelho um modo de erguer o véu só um pouco, deixando-o meio caído, ocultando-lhe o rosto parcialmente. Além deste recurso, ela manteria a cabeça baixa e teria um lenço oculto dentro da manga ou no cinto do vestido de modo a usá-lo como se estivesse chorando. Aliás, não seria nada difícil ela chorar de verdade tal a angústia que estaria sentindo.

— Por favor, Malca, esteja esperando por mim no navio e salve-me do duque assim que eu subir a bordo — ela recomendou à criada.

— Foi o que combinamos. Pode deixar por minha conta — garantiu a boa mulher. — Se depender de mim, Sua Alteza não descobrirá nada nem a mandará de volta.

Malca falou com tanta veemência que provocou o riso de Catherine.

— A sorte está lançada. E que Deus nos ajude! — Malca acrescentou.

CAPÍTULO V

Mais uma vez Catherine olhou-se ao espelho. Certa de que não seria possível alguém ver-lhe o rosto, encheu-se de confiança.

Mesmo assim, decidiu que manteria a cabeça baixa para demonstrar que estava triste por ter de partir, deixando seu lar.

Malca, que descera para ver como estava o movimento no hall e para recomendar aos que trabalhavam no palácio para não se despedirem de Henriët de modo a não deixá-la emocionada, entrou no quarto sorridente.

— Está tudo em ordem! — anunciou. — O palco é todo seu. Represente seu papel de modo a não deixar Sua Alteza Real perceber que não é a minha criança quem está do seu lado.

— Farei o possível — Catherine prometeu. — Fique rezando por mim o tempo todo. Nos veremos no navio.

— Estarei lá à sua espera. Boa sorte e Deus a abençoe, minha querida. Rezarei sem cessar para tudo correr tão bem como planejamos.

Um laçao apareceu à porta para avisar que Sua Alteza Real já esperava pela filha no hall. Ele afastou-se, porém Catherine, deliberadamente, esperou ainda alguns minutos para sair do quarto. Achou que assim o príncipe ficaria ansioso para chegar depressa à catedral.

Finalmente, foi para o corredor e desceu a escadaria, a passos lentos, seguida de Malca que erguia a cauda do vestido de noiva. Não era uma cauda tão longa que precisasse ser levada por alguns pajens.

Ao vê-la, o príncipe Adolphus sorriu.

— Oh, aí está você, minha querida — ele tentou falar calmamente, mas não conseguiu esconder sua aflição. — Temos de nos apressar. Já devíamos estar a caminho da catedral.

Catherine não respondeu. Sempre em silêncio subiu na luxuosa carruagem puxada por quatro cavalos brancos, usada apenas em casamentos e outras ocasiões solenes.

Era conhecida como o "coche de cristal", pois as laterais eram de vidro grosso o que permitia que as pessoas sentadas em seu interior fossem vistas pelo público.

Para Catherine, isso seria uma vantagem quando ela deixasse a catedral com o véu erguido, pois as pessoas que estivessem ao longo das ruas para ver o cortejo nupcial não a enxergariam claramente.

Agora, na ida para a catedral, tendo o véu descido, ela não precisava ficar apreensiva. O coche pôs-se em movimento. Apesar de ter havido

pouco tempo para o povo ser avisado das bodas da princesa de Ístria, as ruas estavam lotadas.

Várias crianças portavam bandeirinhas da Áustria, de Ístria e do Reino Unido. O príncipe Adolphus não cessou de acenar para o povo que dava vivas e aplaudia à medida que o coche de cristal ia passando.

Imóvel e calada, Catherine olhava para o povo e imaginava que provavelmente haveria russos infiltrados na multidão. O que estariam eles achando desta união entre Ístria e a Grã-Bretanha?

Tentou pensar em outra coisa. Sua única preocupação devia ser o que estava acontecendo no momento. Admirou por um instante o lindo buquê de noiva, todo feito de orquídeas brancas, colocado no banco à sua frente e voltou a olhar a multidão que se tornava cada vez mais compacta à medida que o cortejo nupcial se aproximava da catedral.

Por fim, alcançaram a praça principal da cidade, que estava completamente lotada, e o coche parou à frente da escadaria de acesso à porta oeste da catedral. Um tapete vermelho estava estendido sobre os degraus.

De ambos os lados da escada havia crianças carregando cestinhas com pétalas de flores que seriam atiradas nos noivos quando deixassem a catedral.

Catherine esperou o príncipe descer e desceu em seguida. Ao segurar o braço que ele lhe ofereceu não precisou fingir que estava nervosa e amedrontada. Seu tremor era bem real.

O laçao que viera no coche real ajeitou a cauda do vestido de noiva de modo a deixá-la bem aberta sobre o tapete.

— Não há pressa, minha querida. Vamos subir os degraus devagar e calmamente — o príncipe avisou com brandura, percebendo o nervosismo da noiva, o que achou muito natural.

Pela atitude paciente do príncipe e por sua compreensão, Catherine refletiu que Malca fizera seu trabalho com perfeição. Restava saber se tudo correria bem até ela estar no navio com o duque, tendo assim passado no teste final.

A noiva e o príncipe apareceram à porta oeste e o órgão começou a tocar a marcha nupcial. Através do véu, Catherine pôde ver que a catedral parecia pequena para tanta gente.

Caminhou pela longa nave até o altar, lenta e solenemente, levada pelo príncipe, cônica de ter todos os olhares fixos na sua direção. Depois de passar pelo coro viu a figura alta do duque.

Estava muito elegante usando o uniforme no qual havia grande número de medalhas e condecorações. Entre elas, destacava-se a Ordem da Jarreteira, azul, colocada transversalmente sobre o peito.

Com um sorriso no canto da boca Catherine disse a si mesma que Sua Alteza estava vestido para a ocasião com o mesmo esmero que a noiva.

O que se passou daí por diante foi para ela como um sonho. Sentia-se tão nervosa que parecia entorpecida. Seus gestos foram automáticos.

Teve uma vaga lembrança de que entregara a um acólito o buquê de orquídeas e a luva da mão esquerda que havia tirado ao descer do coche.

Viu o arcebispo, usando paramentos bordados, começar a cerimônia religiosa que a pedido do príncipe foi breve, porém acompanhada pelo coro que cantou maravilhosamente.

Com um estremecimento, Catherine sentiu o duque colocar-lhe no dedo médio a aliança que ela havia experimentado dois dias atrás.

No momento dos votos solenes a voz do duque soou forte, calma e firme enquanto a da noiva, deliberadamente, foi pouco mais alta do que um murmúrio. O arcebispo juntou as mãos dos noivos e ambos se ajoelharam para receberem a bênção.

Chegou o momento mais perigoso e Catherine passou a rezar, desesperada, pedindo a Deus, aos santos e à mãe para ajudarem-na a não cometer erro nenhum.

Os noivos e testemunhas foram até a sacristia para assinarem os registros. Sabendo que teria de erguer o véu, Catherine tirou do cinto o lençinho que Malca ali havia colocado e levou-o ao rosto como se estivesse chorando.

Felizmente não havia muita claridade na sacristia e ela manteve a cabeça baixa para escrever o nome de Henriët.

Então o órgão tocou festivamente uma das marchas reais que eram usadas tradicionalmente nas cerimônias de casamento havia mais de duzentos anos.

O duque ofereceu o braço à noiva e ambos começaram a andar pela nave na direção da porta oeste. Como na mão que estava livre Catherine

segurava o lençinho, ela não fez esforço nenhum para pegar o buquê que o acólito lhe devolveu. Notou que a esposa do primeiro-ministro apressou-se em segurá-lo.

Mantendo a cabeça baixa o véu caía-lhe dos lados do rosto, de modo que achou impossível ser reconhecida.

Somente quando os noivos saíram pela porta oeste e começaram a descer os degraus, Catherine voltou-se para as crianças que lhes atiravam flores e sorriu para não desapontá-las. Teve, porém, o cuidado de virar bem o rosto para que o duque não a reconhecesse.

Seguindo de carruagem para o porto, sob os vivas e aplausos da multidão, Catherine começou a relaxar um pouco. Até então tudo correria melhor do que havia esperado.

O que a surpreendera desde que entrara na catedral fora a indiferença do duque em relação a ela. Tivera a impressão de que ele não fizera questão nenhuma de olhar para a noiva que estava do seu lado.

O trajeto da catedral até o porto era bem curto e foi feito em silêncio. A carruagem diminuiu a marcha e Catherine avistou o navio de guerra todo enfeitado com bandeiras. Era muito maior e mais majestoso do que ela imaginara.

O duque a ajudou a descer da carruagem e pouco depois ambos subiam a escada de costado. Olhando para trás, Catherine viu, horrorizada, que inúmeras carruagens os haviam seguido e que no convés havia um comitê de recepção.

— Vou apresentá-la ao meu capitão e aos oficiais — disse o duque, falando pela primeira vez.

— Eu sinto que vou... desmaiar — murmurou Catherine levando as mãos ao rosto.

Sem hesitar, o duque ergueu-a nos braços e acabou de subir a escada carregando-a. Passou pelos oficiais perfilados que lhes fizeram continência e atravessou o convés.

Perfeitamente consciente, Catherine não pôde deixar de perceber que o duque era um homem atlético e parecia não estar fazendo esforço algum para carregá-la. Só se viu um pouco atrapalhado com a cauda do vestido de noiva quando começou a descer por uma escada muito estreita.

Tanto que parou para ajeitar não só a cauda do rico vestido, mas também o véu da noiva. Neste instante Malca correu ao encontro dos dois.

— Oh, Sua Alteza Real não está bem, alteza? — perguntou, ansiosa.

— Ela sentiu que ia desmaiar. Aconselho-a a deitar-se — recomendou o duque.

— Naturalmente, alteza. Por favor, leve-a até a cabine. Cuidarei dela — pediu a criada.

O duque seguiu por um corredor e entrou numa cabine. Catherine, mantendo sempre as mãos no rosto, sentiu que era colocada delicadamente numa cama. Ouviu Malca dizer:

— Pode deixá-la aos meus cuidados, alteza. Sei que tudo isto foi provocado pela tensão nervosa. Creio que Sua Alteza Real não deve ser perturbada.

— Se precisar de alguma coisa bastará pedir ao meu valete — tornou o duque amavelmente.

Catherine ouviu a porta se fechando e baixou as mãos.

— Tudo correu bem? — Malca indagou num sussurro.

— Muito bem. Acredito que não houve uma única pessoa que suspeitasse que a noiva não era Henriette.

Malca trancou a porta a chave e voltou para junto de Catherine.

— Levante-se para tirar o vestido. Depois deite e durma até que estejamos em alto-mar.

— Notei ao embarcar que as máquinas estavam funcionando. Pelo barulho lá fora o navio já vai deixar o porto.

De fato, o couraçado começou a mover-se e da cabine as duas ouviram uma banda tocando a distância. Com um aperto no coração, Catherine pensou em todas aquelas pessoas que prepararam uma grande despedida para a sua princesa e ficaram desapontadas. Elas não sabiam que estavam sendo enganadas.

Porém saber que Henriette estava salva para sempre servia-lhe de consolo. Agora era esperar que o duque não fosse um homem rancoroso e, ao saber que fizera papel de tolo, não quisesse vingar-se dela, de Henriette e do marido.

Malca tirou a delicada tiara da cabeça de Catherine, o véu, o colar e, por fim, o vestido.

— É uma pena que um vestido tão lindo e tão rico só tenha sido usado uma vez e por apenas algumas horas — lamentou Catherine.

— Guarde-o — sugeriu a criada. — Se você tiver uma filha ela ficará emocionada de poder usá-lo. Nunca vi um vestido de noiva tão lindo. Ele devia terminar em um museu.

Catherine riu e a criada levou o dedo aos lábios a pedir-lhe silêncio.

— Você acha que há alguém nos ouvindo? — indagou Catherine baixinho.

— Acredito que não. As paredes deste navio são fortes e grossas. Ao mesmo tempo, convém sussurrarmos enquanto não estivermos em alto-mar — aconselhou Malca, indo em seguida correr as cortinas sobre as vigias.

— Não me esquecerei disso — prometeu Catherine, sentando-se na cama.

Teve de admitir que a cabine era espaçosa e muito confortável. Como se adivinhasse o que ela estava pensando, Malca comentou:

— Esta é a cabine do capitão. Suponho que ele não tenha gostado muito de cedê-la para vocês. É a melhor do navio. As outras são pequenas e nada confortáveis.

— É natural que o capitão se ressinta de abrir mão do seu conforto. — Com ansiedade na voz, Catherine perguntou: — Qual é a cabine do duque?

— O valete de Sua Alteza deixou sua bagagem na cabine aqui do lado... provisoriamente.

Não foi preciso Malca dizer que todos esperavam que os recém-casados ocupassem a mesma cabine... ou seja: a cedida pelo capitão.

— Pensei em providenciar algumas flores para enfeitar a cabine, mas me disseram que este era um navio de guerra e não um vapor de luxo para ter frivolidades como flores — Malca sussurrou.

— Eu não trouxe sequer o buquê de noiva. Foi uma pena — lamentou Catherine. — As orquídeas eram lindas.

— Isso é o de menos. Devemos agradecer a Deus e aos santos por tudo ter corrido tão bem na catedral. Fiquei o tempo todo aflita, mal

podendo respirar, com medo de que alguém percebesse que você não era Henriette e gritasse: "Esta é uma impostora".

Catherine sufocou uma risada.

— Se você ficou aflita desse jeito, imagine eu! Felizmente o tule duplo que você colocou no véu não permitiu que me reconhecessem. Quando ergui o véu, meu rosto ainda ficou parcialmente coberto. De mais a mais, acredito que todos os olhares se fixaram no deslumbrante vestido de noiva e não em mim.

— É claro que estou muito contente por saber que minha querida criança está salva e feliz do lado do marido que ama. Para isso, infelizmente, tivemos de enganar a todos. Nem quero pensar no que irá acontecer quando for revelado que Henriette não se tornou a duquesa de Dunlerton como se esperava.

— Pois não vamos pensar no futuro. Em vez disso, podemos tomar uma xícara de café — Catherine sugeriu.

Para sua surpresa, Malca sacudiu a cabeça.

— Nada disso. Vou dizer a Sua Alteza que você está dormindo e não deve ser perturbada.

— É verdade. Que tolice a minha. Esqueci-me de que o duque não pode me ver enquanto não estivermos bem longe de Ístria.

— Mas você não morrerá de fome — Malca tranquilizou-a. — Eu trouxe comigo sanduíches, biscoitos e uma garrafa do melhor champanhe de Sua Alteza Real. Vou servir-lhe uma taça imediatamente.

— Champanhe! Nada mais apropriado para brindar à felicidade dos noivos — Catherine falou com ironia. — Fez bem em pensar nisso, Malca.

Ela tomou uma taça da bebida e convidou a criada para acompanhá-la, porém Malca não aceitou dizendo que não apreciava vinhos em geral.

— Vou sair e trancar a porta — Malca avisou. — Verei o que está acontecendo no convés e mais tarde voltarei com as notícias. Coma alguma coisa e depois descanse um pouco.

Catherine aceitou um sanduíche e terminou o champanhe. Deitou-se assim que a criada se afastou e constatou satisfeita que o colchão era muito macio.

Uma hora depois, Malca entrou no quarto.

— Sua Alteza está almoçando — informou. — Por ordens de Sua Alteza Real o *chef* mandou para bordo um verdadeiro banquete.

— E eu só comi um sanduíche — Catherine observou, fingindo estar ressentida.

— Está ficando muito mimada. — Malca riu. — Mas não se preocupe. Fiz amizade com o valete de Sua Alteza e ele perguntou se "a duquesa" estava melhor. Ao saber que seu problema era emocional ele prometeu gentilmente preparar-nos uma bandeja com o almoço. Alegou que bem alimentada Sua Alteza ficaria melhor bem depressa. Como vê, teremos comida do palácio para o nosso almoço.

— Só de saber que vou saborear a comida preparada pelo *chef* de tio Adolphus, sinto-me faminta — Catherine falou com entusiasmo.

A criada saiu e enquanto a esperava Catherine refletiu que podia ficar tranquila no que dizia respeito a Henriette e Fritz. Ela, entretanto, não poderia considerar-se fora de perigo. Teria pela frente um grande obstáculo: enfrentar a ira do duque quando lhe revelasse toda a verdade.

Isso a fez estremecer.

No meio da tarde, depois de ter almoçado muito bem e repousado um pouco, Catherine estava irrequieta, desejando fazer alguma coisa

— Veja se encontra alguns livros para eu ler — pediu a Malca.

— Livros?! — a criada admirou-se. — Você está pedindo demais. Mas vou dar uma volta para ver se descubro alguma coisa interessante.

Malca ausentou-se por um bom tempo. Voltou com três livros.

— Pertencem a Sua Alteza — avisou. — Consegui-os por intermédio do seu valete. Este me disse que o patrão sempre carrega diversos livros consigo quando viaja. Como estão escritos em inglês, eles lhe serão muito úteis, pois você e Sua Alteza conversarão nessa língua.

— É verdade — Catherine anuiu. — Preciso mesmo treinar o meu inglês, apesar de considerá-lo muito bom.

Pegando os três volumes, Catherine examinou-os. Um era sobre história universal, o outro um romance escrito por um dos escritores ingleses mais famosos e o terceiro, para sua grande surpresa, era sobre a história da Áustria.

Nunca lhe ocorrera que o duque pudesse estar interessado em obter informações sobre o país da princesa com o qual ele iria se casar. Com humor, ela comparou-o a um colegial que impusera a si mesmo uma tarefa. Isso a fez considerar que teria de dar-lhe uma nota bem alta nesse dever.

Sua Alteza lhe parecera tão indiferente no palácio que ela chegara a pensar que para ele só a Grã-Bretanha tinha importância.

— Começarei lendo este livro — Catherine indicou o volume sobre a história da Áustria.

— Fiquei sabendo que neste navio há também um cômodo onde ficam guardados jogos, livros, revistas e baralhos. O valete me disse que os ingleses gostam muito de jogar bridge — Malca informou.

— Muito bem, Malca. Descubra tudo o que puder sobre os costumes ingleses e, se for possível, sobre os hábitos de Sua Alteza. O que menos desejo é cometer enganos. Sei muito pouco sobre os ingleses.

— Uma coisa todos nós sabemos: os ingleses dão-se ares de importância e se consideram superiores — criticou Malca. — O valete de Sua Alteza é muito amável, mas ele fala comigo como se eu fosse uma criança de seis anos e bem tola.

— Papai diz que os ingleses são cheios de si e reconhece que isso é compreensível, pois a rainha Vitória atualmente governa mais de três quartos do mundo.

— Bem, é esse o dever de Sua Majestade — rebateu Malca. — Se quer saber, estou muito feliz por ser uma pessoa simples. Só faço questão de estar perto daqueles que amo e que me querem bem.

— No fundo é isso que importa — Catherine concordou. — Dentro de poucos dias você poderá ir ao encontro de sua querida Henriët.

— Ah, Deus abençoe a minha doce criança. Meu coração transborda de alegria por saber que ela está feliz. — Malca fez uma pausa e acrescentou: — Só espero que eu não tenha de encontrar-me com ela e Fritz na Inglaterra. Este é um lugar para onde jamais quero ir.

— Não diga isso justamente para mim. Se eu for aceita na Inglaterra vou convidar Henriët e o marido para passar algum tempo comigo e você os acompanhará, claro.

— Ah, sim! Se for para visitá-la será diferente — Malca emendou. — Só receio que você não consiga tornar a casa do duque um lugar feliz, descontraído e cheio de risos como é o palácio.

As palavras da criada deixaram Catherine pensativa. Ela precisava tanto de risos e alegria. Os austríacos amavam a música e a dança. Ela tocava piano muito bem; aprendera com a mãe que havia sido excelente pianista.

"Os ingleses sempre me pareceram tão frios. Não consigo imaginá-los cantando, tocando e dançando como nós", disse a si mesma.

Já estava escuro e o navio avançava a toda velocidade em vez de ancorar numa baía sossegada para passar a noite.

"O duque, obviamente, tem pressa de chegar a seu país", Catherine pensou.

Muito interessada no livro que havia escolhido, leu até adormecer. Na manhã seguinte, acordou para destrancar a porta para Malca poder entrar na cabine.

— Acabo de encontrar o duque e ele pediu-me para lhe dizer que se você estiver bem disposta poderia subir para ficar com ele no convés — avisou a criada. — O dia está lindo, o sol brilhando e o mar muito calmo.

Catherine sentiu um estremecimento.

— Suponho que não vou poder adiar muito o meu encontro com Sua Alteza. Você sabe em que lugar estamos?

— Não exatamente. Parece que amanhã à noite chegaremos ao porto de Brindisi onde faremos uma escala — respondeu Malca.

Pelo brilho nos olhos da criada, Catherine teve certeza de que ela não via a hora de desembarcar para tomar outro navio e reunir-se a Henriët. Em Brindisi ela obteria informações sobre o lugar onde monsieur e madame Leon se encontravam.

— Bem, o que direi a Sua Alteza? — Malca indagou.

Embora amasse o mar e achasse aborrecido ficar trancada na cabine, estando o sol brilhando lá fora, Catherine não se sentiu com coragem de enfrentar o duque. Seria mais seguro eles se distanciarem bem de Ístria para ambos conversarem. Assim, orientou Malca para dar uma desculpa a Sua Alteza.

No fim da tarde, Malca trouxe outro convite do duque.

— Sua Alteza manda dizer-lhe que ficará muito feliz se você sentir-se bem e puder jantar com ele. Tomei a liberdade de lhe dizer que você esteve dormindo a maior parte do tempo e que agora estava bem mais calma. Porém acrescentei que, na minha opinião, você era uma jovem muito sensível e não deveria fazer excessos tão cedo.

— Você disse isso? — Catherine riu. — Sua Alteza deve estar pensando que se casou com uma débil mental. E, se quer saber, é exatamente como me sinto depois de ficar aqui trancada durante tantas horas.

— Está dizendo que aceitará o convite de Sua Alteza? — Malca perguntou. — Bem, você terá mesmo de enfrentá-lo mais cedo ou mais tarde.

— Acredito que será bem mais fácil conversarmos esta noite. Se o duque mostrar-se agressivo, tranco-me novamente na cabine. — Catherine parecia estar falando consigo mesma.

— E então? O que digo a Sua Alteza? — Malca insistiu.

— A que horas será servido o jantar?

— Às oito, suponho. Posso certificar-me.

— Muito bem. Avise Sua Alteza que estarei com ele às sete e se estiver quente poderemos andar pelo convés antes do jantar — Catherine decidiu.

Malca deixou a cabine sem nenhum comentário. Por um instante, Catherine refletiu se não estaria cometendo um erro. Reconheceu que não poderia voltar atrás.

Pouco depois, Malca apareceu para preparar-lhe o banho. Catherine escolheu para usar um vestido lindo e elegante que o pai havia comprado em Paris pouco antes de ela ir a Ístria.

— O que você acha? Devo usar o colar de pérolas e diamantes que Sua Alteza deu de presente a Henriette? — Catherine perguntou a Malca assim que esta terminou de pentear-lhe os cabelos.

— Uma pessoa da minha idade tem muita experiência, minha filha. Acho que isso só iria piorar a situação. Vá ao encontro de Sua Alteza linda como está, com simplicidade e de coração aberto — opinou Malca. — Afinal, você desordenou a vida do duque, mas está casada com ele e há muitas coisas que precisam ser acertadas ou consertadas.

— Você tem razão. Mas estou nervosa... sinto-me como uma escolar que cometeu um erro e espera ser castigada.

— Erros todos nós fazemos. Use seu bom senso e tudo sairá bem. Tenha em mente que você é uma jovem de rara beleza. Se quer saber, acho que o duque saiu lucrando com a troca. Você conhece bem Henriette e sabe que ela é uma jovem muito frágil que tem um colapso nervoso ante a menor dificuldade. Já você é diferente, sempre foi a mais inteligente das duas, a líder, a forte, a mais sensata, a que sempre esteve disposta a ajudar quem recorresse a você.

— Obrigada, Malca — Catherine agradeceu, sensibilizada.

— Lembre-se de que agora quem vai precisar da sua ajuda será Sua Alteza. Não será fácil para ele chegar à Inglaterra com a esposa errada — ponderou Malca. — Você está preocupada apenas consigo mesma, mas deve pensar nele e na difícil situação em que o colocou.

— Oh, Malca, você é maravilhosa. Diz sempre as palavras certas na hora certa. — Catherine beijou a criada. — Sinto que você devolveu-me a autoconfiança. Bem, se devo enfrentar o leão, quanto antes eu entrar na arena, melhor.

— Se quer saber, tenho pena do leão — brincou Malca.

Catherine riu e deixou a cabine. Seguiu pelo estreito corredor e entrou na saleta de estar do capitão, onde Malca lhe dissera que o duque a esperava. Encontrou-o sentado numa poltrona, lendo um jornal. Ele ficou de pé assim que a viu.

— Princesa Catherine! — exclamou, atônito. — Como é possível? Não imaginei que você estivesse a bordo.

— Sim, estou a bordo porque tomei o lugar da princesa Henriette. Ela casou-se com outro — Catherine declarou de uma vez, apesar do nervosismo.

O duque encarou-a ainda mais perplexo.

— O que está dizendo? Não entendi.

Receando não conseguir manter-se de pé, Catherine sentou-se.

— O que lhe vou contar certamente o deixará muito zangado mas... Henriette amava outro e casou-se com ele. Então, eu tomei o lugar dela... na catedral.

— Sendo assim, eu estou casado com você? — perguntou o duque, sentando-se também.

Caterine não respondeu.

— O príncipe Adolphus tem conhecimento do que você fez?

— Não! Claro que não! Só Malca está a par de tudo. Henriët estava apaixonada por um homem que, apesar de ser um *gentleman*, não pertence à realeza. Ele era major da guarda especial do príncipe. Desesperada, certa de que o pai não iria concordar com o casamento de ambos, Henriët pensou em fugir. Quando ficou sabendo que o príncipe queria obrigá-la a se casar com você... decidiu se matar. Para isso, pegou às escondidas o revólver do pai — revelou Caterine.

— A princesa preferia morrer a se casar comigo? — O duque estava pasmado.

Como ele não parecia furioso nem estava gritando, Caterine acalmou-se.

— Henriët preferia morrer a se casar com outro que não fosse o homem por quem estava apaixonada — ela corrigiu. — Para salvar Henriët, de quem gosto como se fosse uma irmã, prometi tomar o lugar dela. Foi o que fiz.

— Eu devo ser um idiota para não ter percebido nada — o duque recriminou-se. — Mas o que mais me surpreende é que vocês conseguiram enganar o príncipe Adolphus!

— Até agora ele imagina que a filha esteja neste navio. Mas Henriët fugiu ontem à noite. Agora já está casada e muito feliz.

— Teria sido muito mais simples se Henriët contasse ao pai que não queria se casar comigo — argumentou o duque.

— Bem que ela tentou, mas o príncipe não a ouviu. O casamento era do interesse do imperador e tio Adolphus jamais iria contrariá-lo — Caterine acentuou.

— Entendo. O imperador queria um casamento real e um laço com a Grã-Bretanha porque essa união iria fortalecer a Áustria, o que intimidaria os alemães e, principalmente, os russos — o duque inferiu.

— Exatamente. Estou feliz por você mostrar-se tão compreensivo. Naturalmente, você não sabe que Henriët é uma garota hipersensível, muito delicada e emocional. Tio Adolphus foi prevenido de que a filha estava muito nervosa e teve medo de que ela fizesse uma cena na hora do casamento. Portanto, fez questão de que a cerimônia religiosa fosse breve e não permitiu que os convidados se despedissem da noiva.

Como eu estava com o rosto coberto pelo véu... ninguém suspeitou que a noiva era outra. — Catherine fez uma pausa antes de acrescentar: — A princesa que lhe foi prometida está bem longe daqui e extremamente feliz. Para essa felicidade ser duradoura dependerá só de você.

— De mim?

— Claro. Você tem todo o direito de anular o casamento e revelar toda a verdade ao príncipe Adolphus e à rainha Vitória. Neste caso, Henriët e o marido serão caçados. Quando os encontrarem, o major, provavelmente, será executado.

— Qual é a alternativa? — indagou o duque.

— Que você me aceite como sua esposa... pelo menos por enquanto — Catherine murmurou.

— Como esposa? A rainha Vitória exigirá que o casamento seja anulado — contrapôs o duque.

— Acredito que Sua Majestade me aceitará... desde que você também me aceite. Também sou uma princesa e meu pai, embora não tenha a importância política de tio Adolphus, é primo distante do imperador da Áustria. Ele é o soberano de Theiss, um principado que faz parte da história da Áustria, da mesma forma que Ístria — Catherine enumerou.

Pela primeira vez, o duque deu sinais de impaciência. Levantou-se em silêncio e foi até uma das vigias. Observando-o, Catherine disse a si mesma:

"Pelo menos ele não gritou comigo. Agora só me resta esperar por sua decisão. Quem sabe ele me obrigará a desembarcar no porto de Brindisi."

Minutos se passaram. Sem se voltar, o duque falou como se pensasse em voz alta:

— Estou atônito. Francamente, não me conformo de ter deixado tudo isto acontecer sem que eu tivesse a mais leve suspeita.

— Henriët, Malca e eu fomos muito cuidadosas; pensamos em todos os detalhes. O que me deu coragem foi saber que minha grande amiga já estaria casada com outro quando eu estivesse indo para a catedral. Mesmo que eu fosse descoberta como impostora, você não poderia se casar com ela — ressaltou Catherine.

Afastando-se da vigia o duque sentou-se novamente.

— Vocês pensaram também no que Sua Alteza Real irá dizer ou fazer quando souber de toda esta farsa?

— Sei que ele ficará furioso. Foi por isso que eu disse há pouco que a solução para o problema será você me aceitar por esposa.

— Não é tão simples assim — retrucou o duque.

— Sei que não... principalmente para alguém como você e na sua situação. Afinal, você veio da Inglaterra para se casar com uma jovem que nunca vira na vida. Foi por isso, com certeza, que se mostrou tão frio e distante com Henriët, a ponto de deixá-la aflita e infeliz — Catherine comentou.

— Está insinuando que fui rude? — inquiriu o duque.

— Sim, foi rude e arrogante, se quer ouvir a verdade — declarou Catherine. — Você ignorou Henriët, deliberadamente. Sua frieza e indiferença não tinham razão de ser. Não foi à toa que ela ficou assustada.

Para espanto de Catherine, o duque riu.

— Nunca imaginei que pudesse assustar uma mulher. Suponho que agi mal, inconscientemente. Se a minha noiva estava infeliz, eu mal podia conter a raiva que sentia. Já que decidimos ser sinceros um com o outro, devo dizer que eu estava detestando toda aquela situação.

— É mesmo? — Os olhos de Catherine se arregalaram. — Então... você não queria se casar com Henriët?

— Claro que não! Fui chamado pela rainha Vitória e quando ela me expôs o que o imperador da Áustria queria, nem pude argumentar. Sua Majestade me ordenou que partisse para a Áustria e desposasse a princesa Henriët, de Ístria, imediatamente. Era uma ordem real, compreende? Se eu a desobedecesse teria de deixar a corte ou me aconteceria coisa ainda pior — o duque desabafou.

— Vejo que as suas dificuldades não eram diferentes das nossas — tornou Catherine, compreensiva.

— Acabo de completar vinte e sete anos. Eu não pensava em casamento tão cedo. Desde que deixei a universidade venho sendo perseguido por belas mulheres. Talvez por isso tenha me tornado convencido. Mas esperava me casar com a mulher que *eu* escolhesse e que me amasse como pessoa e não por eu ser um duque. — Ele deu um profundo suspiro. — Veja agora o que me aconteceu: estou casado com

alguém com quem mal falei e que deixou bem claro que me considera indelicado e arrogante.

Tanto ele como Catherine riram.

— Você está exagerando. Mas admito que o achei... amedrontador. Fui para a catedral aterrorizada e até agora estou assustada.

— Suponho que o seu desmaio e a sua reclusão na cabine por mais de vinte e quatro horas tenham sido parte do seu plano — especulou o duque.

— Foi, sim — Catherine admitiu. — Na verdade eu estava morrendo de vontade de subir para o convés. Amo o mar. Os livros que tomei emprestados salvaram-me do tédio. Agradeço-lhe por eles.

— Que livros?

— Malca obteve-os por intermédio do seu valete. Nunca imaginei que você se preocupasse em conhecer a história da Áustria.

— Meu valete emprestou-lhe livros sobre a Áustria? Asseguro-lhe que tenho livros mais interessantes para uma jovem como você.

— Eu queria apenas aperfeiçoar o meu inglês.

— Seu inglês é perfeito — elogiou o duque. — O príncipe Adolphus e a princesa Henriet também falam fluentemente o meu idioma.

— Henriet e eu estudamos diversas línguas européias com os mesmos professores — disse Catherine.

— Você pretendia conhecer a Inglaterra? — o duque quis saber.

— Eu queria muito conhecer o seu país, mas não como sua esposa. Quanto a Henriet...

— Compreendo. Não precisa dizer nada — o duque interrompeu-a. — Se depender de mim ela será feliz com o marido. Minha preocupação é com você e com a reação de Sua Alteza Real quando souber o que aconteceu. Outro grande problema que deve ser solucionado é em relação ao meu país. O que dirá a rainha Vitória? O que acontecerá comigo? Serei objeto de riso quando chegar à Inglaterra com a noiva errada.

— Lamento por você — murmurou Catherine, solidária. — Talvez possamos encontrar um meio de tornar a situação menos... ridícula.

De repente, ela deu um pequeno grito.

— Oh, eu disse "nós"! Mas é claro que se você quiser atirar-me ao mar ou deixar-me numa ilha deserta, acatarei a sua decisão.

Seu tom foi bem sério e contrito, porém, para sua perplexidade o duque riu.

— Ora, seu eu fizesse uma coisa ou outra a minha reputação seria muito pior do que já é.

— Você tem má reputação!? — Catherine admirou-se.

— Bem, depende do que você entender por "má reputação" — emendou o duque. — Eu era um solteiro convicto e divertia-me como convinha a um homem sem compromisso. Como, infelizmente, me envolvi com a política e preocupei-me, da mesma forma que a rainha Vitória, com a atitude dos russos, acabei por ver-me, de repente, nesta desagradável confusão.

— Farei o possível para ajudá-lo a sair desta situação desconfortável. Afinal, a culpa foi toda minha.

— Não sei como você poderá me ajudar. Todos irão rir de mim e eu nunca mais entrarei no castelo de Windsor.

— O que o aborrece é manter-se fora do castelo de Windsor?

— Não propriamente. Mas eu queria manter as tradições da família; queria continuar lutando por meu país e para assegurar a paz na Europa — mencionou o duque.

A revelação impressionou Catherine. O duque, sem dúvida, a surpreendia a cada instante. Nunca havia imaginado que ele tivesse ideais.

— Como eu estava dizendo, vou procurar ajudá-lo. Solucionei o problema de Henriette e, embora não possa fazer promessas, tentarei por algum meio mágico, solucionar o seu — prontificou-se.

— Você disse bem. Precisaré de um poder mágico para me ajudar. Suponho que devo agradecer por não ter de sair de Áustria com as mãos vazias — o duque falou com sarcasmo.

— Lamento ter sido tão insensível. Minha única preocupação era a segurança e a felicidade de Henriette e do marido. Eu estava aterrorizada, receando que Sua Alteza Real mandasse toda uma esquadra atrás dos fugitivos. Quando os encontrasse prenderia o major e, de algum modo, se livraria dele.

— Você acredita realmente que isso iria acontecer?

— Claro. O príncipe Adolphus é muito severo e ficaria furioso se tivesse de dispensar você, o noivo da filha, não atendendo assim ao pedido do imperador e ofendendo a rainha Vitória — Catherine ressaltou.

— Mas a princesa Henriette e o major fugiram — apontou o duque. — O que você acha que o príncipe Adolphus fará quando souber de toda a verdade?

Catherine fez um gesto de desalento com as mãos.

— Só posso afirmar que ele ficará colérico. Se, pelo menos, você não me mandar embora a situação poderá ser contornada.

— Mesmo que eu não a mande embora o meu problema continuará existindo. Estou casado com outra e não com a princesa Henriette de Áustria, escolhida pelo imperador da Áustria e com a aprovação da rainha Vitória.

— Oh, sinto muito... muito mesmo — disse Catherine com sinceridade.

O duque riu novamente.

— Não acredito que isto esteja acontecendo. Certamente estou tendo um sonho mau ou talvez esteja assistindo a uma comédia, dessas com um final imprevisível.

— Entendo o que está querendo dizer — Catherine murmurou. — Só receio que não seja, de forma nenhuma, uma comédia.

Novamente o duque riu.

CAPÍTULO VI

— Você está achando esta situação engraçada? — Catherine perguntou, encarando o duque com expressão de espanto.

— Na verdade, não — ele respondeu. — Sinto muito por você e por mim. Porém, como estamos juntos nesta grande confusão, temos de pensar em uma forma de sairmos dela.

— Desde que cheguei ao palácio de Ístria tenho pensado em "sair" de situações difíceis. — Catherine suspirou. — Não foi fácil salvar Henriette de si própria, tampouco fazer-me passar por ela na hora do casamento.

— Sua atuação foi perfeita. Cheguei a pensar que teria de suportar uma esposa irritavelmente nervosa, para não dizer o pior, pelo resto da vida — o duque confessou.

Ele falou de modo brincalhão e Catherine observou:

— Devemos encarar este assunto com a maior seriedade. Vou escrever a meu pai explicando o que aconteceu e asseguro-lhe que ele não irá achar esta história nem um pouco divertida.

— Nem poderia — o duque assumiu uma expressão grave. — Gostaria de saber por onde andarão aqueles dois que criaram toda esta dificuldade para nós.

— A única pessoa que terá notícia de ambos será Malca, a criada que tem cuidado de mim no navio. Ela foi a *nanny* de Henriette e a adora. Malca nos deixará em Brindisi para encontrar-se com o feliz casal de fugitivos.

— Tudo isto é realmente espantoso! Não acredito que eu esteja envolvido nesta história tão teatral. — O duque levou a mão à testa. — Fui mandado da Inglaterra para Ístria para me casar com uma princesa que se casou com outro e acabei casado com outra princesa que admitiu não simpatizar comigo.

— Não foi o que eu disse — Catherine protestou. — Sustento que o critiquei por sua frieza e indiferença para com Henriette, a ponto de intimidá-la.

— Já lhe expliquei que fui para Ístria obrigado. Eu não queria me casar com uma jovem maçante cujo pai desejava ter o apoio da rainha Vitória — o duque defendeu-se. — Durante a viagem, à medida que o navio se aproximava de Ístria, mais zangado eu ficava.

— Posso imaginar o que você sentia — disse Catherine suavemente. — Agora você deve pensar nos obstáculos que terá de vencer. Talvez o melhor a fazer seja atirar-me no mar.

— Seria um desperdício fazer isso com uma jovem tão linda. De mais a mais, vejo que você é muito diferente do que imaginei que fosse quando a conheci.

Em outro tom, o duque acrescentou:

— Vamos pensar seriamente no futuro. O que direi quando chegar ao castelo de Windsor?

— Acaba de me ocorrer uma ideia! — Catherine exclamou. — Parece que tive uma inspiração vinda do céu.

— Posso saber que ideia miraculosa é essa? — O duque olhou para Catherine com uma expressão cética.

— Acompanhe o meu raciocínio — ela pediu. — Você chegou a Ístria furioso porque a rainha Vitória o obrigara a se casar com uma princesa desconhecida.

— Eu estava sendo usado! — desabafou o duque. — Não acredito que o imperador estivesse achando que os russos tentariam invadir a Áustria. Mas não ignoro que, se tiverem chances, eles se infiltrarão facilmente nos principados e províncias, causando distúrbios. — O duque fez uma pausa, depois completou seu pensamento: — Em especial aqueles situados à beira-mar.

— O grande interesse deles é ter acesso ao Mediterrâneo — mencionou Catherine.

— Sem dúvida. Bem, eu a interrompi. Fale-me sobre a ideia que lhe ocorreu — pediu o duque.

— Vamos dizer a todos que ao chegar a Ístria você ficou sabendo, por mim, que Henriette e o major já se haviam casado secretamente — Catherine prosseguiu. — Como ela estava desesperada, receando que o marido fosse preso ou até morto se o príncipe Adolphus descobrisse que ambos já estavam casados, eu sugeri ocupar o lugar dela e casar-me com Sua Alteza. Então expus meu plano a você.

— E eu concordei com a sua sugestão e nos casamos. Desta forma eu estaria atendendo ao pedido da rainha Vitória e do imperador. Afinal, você também é uma princesa e filha do soberano de um principado pertencente à Áustria — concluiu o duque.

— Exatamente. Mas devemos deixar claro que o príncipe Adolphus não tinha ideia do que a princesa Henriette fizera — salientou Catherine.

— A rainha Vitória, certamente, compreenderá que eu não poderia me casar com uma jovem já casada e, para não voltar "de mãos vazias", por assim dizer, casei-me com outra princesa — raciocinou o duque. — Afinal, os russos ficariam exultantes se soubessem que o casamento não havia sido realizado.

— Só mais uma coisa: devemos deixar tudo como está durante algum tempo. Por enquanto, todos estão entusiasmados e não falam de outra coisa senão do casamento da princesa Henriette com o duque de Dunlorton. Daqui a um mês ou dois, surgirá outro assunto mais palpitante e o casamento passará para segundo plano — Catherine ponderou.

— E quanto ao seu pai? Você pretende escrever a ele?

— Sim. Papai é muito inteligente, compreensivo e, ao mesmo tempo, um homem prático — Catherine respondeu. — Tenho certeza de que ele irá entender o meu gesto. Papai também ama Henriette e entenderá que eu não poderia permitir que minha grande amiga acabasse com a própria vida. Pedirei a ele para guardar segredo, por enquanto.

— Vejo que você pensou em tudo — louvou o duque. — Eu não teria ideia melhor do que a sua.

— Então você concorda com o que eu disse?

— Concordo.

— Maravilhoso! Obrigada. — Catherine respirou aliviada. — Mas, para evitar comentários, enquanto estivermos viajando, eu serei, para todos os efeitos, a princesa Henriette. Malca desembarcará em Brindisi para ir ao encontro de Henriette e do major. Ela lhes exporá tudo o que aconteceu para tranquilizá-los.

— Como você se arranjará sem uma criada pessoal até chegarmos à Inglaterra?

— Espero que o seu valete possa me ajudar em alguma coisa. Além disso, como não há outra pessoa importante neste navio além de você, pouco me preocupo com a minha aparência.

— Nem é preciso. Devo dizer-lhe que você é linda. Realmente, é a mulher mais linda que já conheci — o duque elogiou-a.

— Está sendo sincero ou quer apenas ser amável? — Catherine indagou.

— Eu disse a verdade — asseverou o duque.

— Dizem que sou muito parecida com minha mãe que era considerada a mulher mais linda de toda a Áustria. Pelo retrato dela que temos em casa, sei que mamãe era muito mais bonita do que eu — Catherine falou modestamente.

— Nada posso dizer sobre isso, pois não conheci sua mãe. Mas fiquei muito impressionado com a sua beleza quando a vi — revelou o duque.

— Custa-me acreditar que eu esteja ouvindo elogios! — Catherine admirou-se. — Quando vim ao seu encontro imaginei que você fosse gritar comigo, colérico. Receei até que pudesse me bater.

— Em que péssimo conceito você me tinha — queixou-se o duque. — Eu seria incapaz de fazer uma coisa ou outra.

— Seu autocontrole é admirável — disse Catherine. — Merece parabéns por saber "tirar proveito de um mau negócio", como dizem vocês, ingleses.

— Mau negócio? Por que deve ser um mau negócio? — questionou o duque.

— Não sei o que responder e acredito que nem você sabe. Vamos continuar nossa viagem e aos poucos nos conheceremos melhor — Catherine sugeriu. — Agora que deixei o meu quarto, eu gostaria que você ou o capitão me mostrasse todo este couraçado.

— Está mesmo interessada em conhecer um navio de guerra? — o duque surpreendeu-se.

— Gosto muito de navios e nunca vi um tão grande. Ouvi dizer que este é o maior e o mais avançado navio de guerra inglês.

— De fato, não há outro tão bem equipado quanto este. Amanhã cedo mostro-lhe o couraçado com todos os novos equipamentos. Agora já é tarde; está quase na hora do jantar — alegou o duque. — Espero que você jante comigo.

— Aceito o convite com prazer. — Catherine dirigiu ao duque um lindo sorriso.

— Quando chegarmos à Inglaterra vou fazer um passeio com você no meu iate que acaba de ser construído — o duque prometeu. — Pretendo levá-lo a Cowes este ano.

— Já li sobre o Yacht Club de Cowes, orgulho do príncipe de Gales. Sei que as regatas anuais lá realizadas são um importante acontecimento social — comentou Catherine.

— Você vai gostar muito de Cowes e de assistir às regatas — assegurou o duque.

— Com toda a certeza. Nunca imaginei que alguém me levasse àquela cidade, um importante centro de esportes náuticos. Será algo novo e muito empolgante! — Catherine falou com entusiasmo.

— Vou a Cowes todos os anos. Como minha esposa você me acompanhará, claro. Iremos a todas as festas oferecidas em homenagem ao príncipe de Gales. Este ano participarei das regatas e estou decidido a ganhar alguns prêmios.

— Imagino que você tenha uma vida social intensa e muito interessante. Fale-me sobre outras coisas que o esperam na Inglaterra — pediu Catherine.

— Isso levaria muito tempo.

Neste instante um criado de bordo anunciou que o jantar estava servido.

Catherine apreciou os pratos preparados pelo cozinheiro inglês e mais ainda o vinho que o duque informou ser proveniente de uma de suas adegas.

A conversa durante o jantar não pôde, naturalmente, ser íntima e terminada a refeição Catherine foi para a sua cabine. Surpreendeu-se ao sentir pesar de separar-se do duque.

Na manhã seguinte, após tomar o *breakfast* na própria cabine, Catherine subiu ao convés para encontrar-se com o duque.

— Venha comigo — ele convidou-a —, quero apresentá-la ao capitão. Deve estar lembrada que você, rudemente, ignorou-o ao embarcar.

— Você sabe por quê. Não imagina a minha aflição para evitar que você visse o meu rosto... uma vez que estava sem o véu — Catherine justificou-se.

— Pois você me enganou e enganou milhares de pessoas. Espero que no futuro não haja falsidades entre nós.

— Também espero. Mas agora podemos ir ver o navio — Catherine lembrou.

Ambos andaram pelo couraçado na companhia do capitão. O entusiasmo de Catherine com o que viu e ouviu e a sua simpatia para com o capitão e os tripulantes deixaram o duque muito bem impressionado. Sua espontaneidade era admirável.

Era natural que uma princesa fosse treinada para mostrar-se gentil ao ser apresentada a alguém, o duque considerou. Porém Catherine foi além disso; mostrou-se encantadora. Apertou a mão de cada tripulante e teve uma palavra amável e especial para cada um deles.

Por fim subiu com o duque para o convés. Observando da proa as ondas quebrarem-se contra o casco blindado, comentou:

— Não é de surpreender que os russos tenham ficado temerosos quando viram, atravessando o estreito de Dardanelos, seis couraçados semelhantes a este, enviados pela rainha Vitória.

— Devemos continuar a amedrontá-los — tornou o duque. — Lembre-se de que você foi usada como salvaguarda para impedir a infiltração dos russos em território austríaco.

— A minha contribuição foi muito pequena. Mas alguns navios de guerra formidáveis, do porte deste, são assustadores — mencionou Catherine.

— Pois saiba que você me assustou. Estou convencido de que você é capaz de qualquer coisa e, por precaução, acho melhor tê-la a meu favor do que contra mim.

Como o duque falou com voz suave, sem inflexão alguma, Catherine encarou-o para ver se ele a provocava. Não pôde ter certeza disso e respondeu:

— Nunca estarei contra você. Como poderia, se você tem sido tão amável e compreensivo?

— Está bem. E, por favor, embora você seja excelente atriz, nunca mais represente farsa alguma diante de mim. De você só quero a verdade — pediu o duque.

— Não haverá mais farsas — Catherine prometeu. — Sei agora que Henriette e o marido estão casados e felizes, portanto, não tenho mais motivos para faltar com a verdade.

Olhando para o horizonte, Catherine perguntou:

— Quando chegaremos a Brindisi?

— Segundo me informou o capitão, alcançaríamos o porto onde faremos escala, ao amanhecer, mas viajando a esta velocidade certamente estaremos ancorando ainda esta noite. Ao que tudo indica, chegaremos à Inglaterra antes da data prevista.

— Lamento separar-me de Malca, mas ela deve ir ao encontro de Henriet e do marido para dar-lhes as boas notícias.

— A princesa Henriet demonstrou muita coragem para se casar com um homem que não seria aceito pelo príncipe Adolphus — apontou o duque.

— O amor falou mais alto. Ela e o major estavam perdidamente apaixonados um pelo outro. Se ambos não fugissem, pode ter certeza de que tio Adolphus levaria a filha até o altar para se casar com você, ainda que tivesse de arrastá-la pela nave da catedral.

— Voltamos a este assunto. Sempre que penso no que aconteceu, acho toda esta história incrível. Quando eu poderia imaginar que uma mulher me acharia assustador a ponto de desejar morrer a casar-se comigo? Ao mesmo tempo, considero-me um homem de sorte por estar com você e não com uma garota apaixonada e, perdoe-me a franqueza, um tanto histérica. — O duque fez uma pausa e, de repente, perguntou: — Você não está, como Henriet, apaixonada por outro? Eu devia ter-lhe feito esta pergunta logo no início de nossa conversa.

— Não estou apaixonada por ninguém nem tenho namorado — Catherine respondeu. — No palácio de Theiss não há tanta atividade social como no palácio de Ístria. Divirto-me cavalgando ou caçando com meu pai. Conheço poucos rapazes.

— Você nunca foi beijada?

— Nunca.

— Vejo que estou diante de uma Cinderela triste que não tem aproveitado a vida como deveria — presumiu o duque.

— Engana-se — contestou Catherine. — Tenho sido muito feliz do lado de papai e de seus amigos. Papai é um homem de inteligência brilhante, é muito alegre e bondoso. Aprecio a companhia de pessoas mais velhas com quem muito aprendo.

— Você é uma pessoa muito madura para sua idade, o que é admirável — apreciou o duque. — Da mesma forma que mamãe ajudava meu pai, espero que você me ajude a cuidar daqueles que trabalham para mim e de todos os que moram nas minhas terras. São centenas de acres onde os duques de Dunlerton têm, por assim dizer, reinado há muitas gerações.

— Então você tem um pequeno reino — deduziu Catherine.

— Gosto de pensar que sim. Nesse reino mamãe era como uma rainha amável, generosa, compreensiva e estava sempre disposta a ajudar os que precisavam dela — o duque falou demonstrando o carinho que sentia pela mãe. — Sempre pensei que, quando me casasse, minha esposa seria como ela.

— Você parecia estar descrevendo a minha mãe. Em Theiss todos a adoravam porque ela estava sempre pronta para ajudar os necessitados — mencionou Catherine. — Mamãe passava a maior parte do tempo visitando hospitais, escolas e asilos. Depois de sua morte, tenho tentado substituí-la.

— Vejo que você foi muito bem educada. Tem todas as qualidades que eu sempre sonhei encontrar naquela que eu escolhesse para esposa.

Por um momento, Catherine ficou em silêncio. Então observou:

— Apesar de tudo o que aconteceu, acho difícil ver-me como sua esposa. Você deve ser muito paciente e ajudar-me a não cometer enganos.

— Aja com naturalidade e bom senso — o duque aconselhou-a.

— Como sua esposa eu gostaria de saber muitas coisas sobre a Inglaterra. Fale-me, por exemplo, das dificuldades que a rainha Vitória está tendo presentemente com seus domínios — pediu Catherine.

— Esse assunto a interessa, realmente? — perguntou o duque, com ar de dúvida.

— Certamente. Sempre me interessou e agora, muito mais, porque estou indo para a Inglaterra como sua esposa.

Mais uma vez o duque refletiu que estava diante de uma jovem extraordinária, diferente de todas as mulheres que já conhecera. Elas, invariavelmente, só gostavam de ouvir dos homens palavras lisonjeiras.

Em todo caso, ele considerou, o que sabia a respeito de mulheres jovens? Nunca se havia interessado por uma delas, receando que os pais da mocinha entendessem que ele estivesse pensando em casamento.

Sendo assim, ficara furioso quando a rainha Vitória lhe dissera inesperadamente que teria de se casar com uma jovem princesa desconhecida para atender ao pedido do imperador da Áustria.

Na ocasião, ele estava mantendo um *affaire de coeur* com uma bela e ardente lady da sociedade. Porém, como deixar de atender à rainha Vitória? Veio-lhe à mente a conversa que mantivera com Sua Majestade.

— Devo atender ao pedido do imperador da Áustria. Mas, como fazer isso, se todos os príncipes ingleses estão casados ou são jovens demais? Só me resta você, Aden. Portanto, você será o marido da princesa Henrieta — sentenciara a rainha Vitória. — Há sangue real nas suas veias; sua mãe era uma princesa e a sua família é uma das mais antigas e distintas da Inglaterra.

— Não pretendo me casar no momento, majestade — protestara o duque.

— Tolice! — cortara a rainha em tom severo. — Um homem tão importante terá de se casar e uma oportunidade como esta não surgirá novamente. Sempre gostei muito do príncipe Adolphus de Ístria e da esposa, uma princesa encantadora. Tenho certeza de que a filha será a esposa perfeita para você. Ao mesmo tempo, você estará ajudando a Áustria. Estará demonstrando aos russos que desaprovamos a atitude deles com relação aos Bálcãs.

Desafiar a rainha seria impossível e o duque se viu obrigado a atendê-la. Tudo o que pudera fazer fora sair muito zangado do castelo de Windsor. Nunca imaginara que ficaria algemado pelo resto da vida a uma princesa desconhecida sobre a qual nada sabia.

A beldade de quem o duque estava enamorado, depois de chorar muito ao receber a notícia de que ele partiria para Ístria, dissera, conformada:

— Estarei à sua espera, querido Aden. Não permitirei que uma garota interfira no nosso romance. Afinal, essa princesinha deve ser bem tola e não terá ideia de que estaremos juntos sempre que você vier a Londres.

O duque lembrou também que ao deixar a catedral de braço com a noiva dissera a si mesmo, furioso, que se sentia preso numa armadilha.

No entanto, agora ele constatava, feliz, que Catherine era encantadora, inteligente, alegre e espirituosa. Graças a ela a viagem estava sendo muito agradável.

Nesta noite, quando ambos se despediam, Catherine propôs:

— Vamos trocar de cabines. Eu irei para a sua e você ocupa a cedida pelo capitão, pois é maior e a cama muito confortável.

O duque fitou-a para verificar se ela falava sério ou se quisera insinuar que a cama era grande o suficiente para duas pessoas. Logo

notou pela expressão cândida de Catherine que ela só havia pensado no conforto dele.

— Oh, não, obrigado. Estou muito bem na minha cabine — ele recusou a proposta. — Além disso, logo chegaremos à Inglaterra, onde estaremos à vontade. Todos os cômodos da minha casa, no campo, são amplos e muito confortáveis.

— Foi o que imaginei. Por isso lhe ofereci a cabine maior. Sinto-me constrangida de ocupar uma cabine tão grande, enquanto você está apertado num cubículo.

— Este é um navio de guerra. Quando eu levá-la para uma viagem no meu iate nós dois teremos muito mais conforto.

Ambos disseram boa-noite e se separaram. Uma vez na sua cabine o duque refletiu que não estava mais tão preocupado com o futuro. Seu casamento não seria o pesado fardo que ele havia imaginado que teria de carregar.

Sendo honesto consigo mesmo admitiu que estava apreciando a companhia de Catherine cada vez mais.

"Ela é extraordinária", pensou. "Além de linda é sensata, inteligente e generosa. Nunca esperei encontrar uma mulher tão perfeita."

CAPÍTULO VII

O couraçado atracou no porto de Brindisi tarde da noite e iria prosseguir viagem pela manhã. Mal clareou o dia, Malca estava pronta para desembarcar.

— Prometa escrever-me ou mandar-me um telegrama assim que se encontrar com Henriët. Quero ter notícias dela — pediu Catherine, entregando uma folha de papel à criada. — Este é o endereço de Sua Alteza.

— Fique tranquila; darei notícias — a criada assegurou. — Sei que Henriët não há de querer perder o contato com sua melhor amiga. Vocês sempre estiveram juntas; desde crianças.

— Agora, mais do que nunca, estando longe de nosso país, precisaremos muito da amizade uma da outra. — Havia uma nota melancólica na voz de Catherine.

As duas se abraçaram emocionadas. Enquanto Malca vibrava por estar em breve com Henriët, para Catherine a partida da boa mulher significava perder uma amiga e romper o último laço com o mundo que sempre conhecera para entrar sozinha num mundo desconhecido.

Sua sensação era a de estar patinando sobre gelo muito fino e que a qualquer momento se quebraria fazendo-a mergulhar no lago frio e escuro da depressão.

Mas não podia deixar-se abater. Pelo menos o duque mostrara-se compreensivo, amável e disposto a aceitá-la, ainda que apenas para salvar as aparências. Havia, entretanto, tantas coisas a serem resolvidas.

"Eu gostaria de encontrar um meio de livrar-me de toda esta confusão", Catherine pensou com um suspiro, indo para a saleta do capitão onde tomaria o *breakfast* com o duque.

— Você sabe, claro, que estamos na Itália. Como o navio não partirá senão daqui a uma hora, posso levá-la à terra para um passeio ou para fazer compras — o duque convidou-a.

— Irei sim, com prazer — Catherine aceitou o convite. — Estamos tão perto da Grécia! É uma pena que não possamos ir até lá. Sempre desejei viajar pelo mundo, mas nunca tive a chance de sair da Áustria. Espero conhecer a Grécia em primeiro lugar. Quero visitar Delos, onde Apolo nasceu.

— Você acredita em todos aqueles deuses e suas lendas?

— É claro que sim. Cresci lendo as histórias de deuses e deusas. Foram eles que inspiraram o coração, a alma e a mente dos gregos.

— Também li sobre a mitologia grega e, quando criança, acreditava em deuses e deusas; achava-os maravilhosos e queria conhecê-los. Agora aprecio a literatura grega em geral, seja a literatura épica, a poesia elegíaca, a dramática, as tragédias... Entretanto, nunca estive na Grécia.

— Nunca? — Catherine repetiu, admirada.

— Não surgiu a oportunidade. Podemos pensar em fazer uma viagem à Grécia no meu iate. Iremos a Delos e a Delfos.

— É mesmo? Você promete? — Catherine perguntou, empolgada.

— Dou a minha palavra de honra — o duque falou em tom solene.

— É meu sonho ver aqueles templos e lugares cheios de magia!

— Mas após o *breakfast* iremos a terra. Daremos uma volta pela cidade e aproveitarei para comprar algumas flores. Um navio de guerra é austero demais para recém-casados. Vamos enfeitar nossos aposentos e a saleta com uma profusão de flores. Um ambiente florido é mais propício para um casal em lua-de-mel. Vamos vivendo esse clima e assim impressionaremos os amigos, conhecidos e parentes quando chegarmos à Inglaterra.

— Receio ficar constrangida se, logo de início, recebermos muitas visitas ou se houver pessoas para nos recepcionar. Afinal, nunca fiz o papel de esposa apaixonada — falou Catherine.

— Nem eu o de marido devotado — replicou o duque.

— Ah, mas os homens são muito diferentes. Todos eles têm suas experiências amorosas — observou Catherine. — É claro que você já teve inúmeros romances e muitas mulheres se apaixonaram por você.

— Como pode afirmar uma coisa dessas?

— Porque seria estranho se isso não tivesse acontecido. Só não posso afirmar que *você* tenha se apaixonado. Sendo tão importante, sempre se questionou se as mulheres com quem se envolveu gostavam de você por causa do seu título ou porque o achavam... encantador.

O duque não conteve o riso.

— Você está sempre me surpreendendo. Mas vamos ao nosso passeio. A manhã está linda.

— E eu estou contente porque iremos dar uma volta pela cidade que foi muito importante no tempo dos romanos.

— Isso mesmo. Vá buscar o chapéu e não se demore. O capitão ficará zangado se nos atrasarmos.

Catherine deixou a saleta apressada. Em sua cabine pegou o chapéu e a bolsa. Tinha consigo algum dinheiro, pois nunca saía de casa sem nada, e subiu para o convés ao encontro do duque. A carruagem aberta que ele mandara buscar já os esperava no cais.

— Será um passeio breve — avisou o duque. — O capitão irá para o Extremo Oriente assim que chegarmos a Londres. Ordens da rainha Vitória.

— É claro que Sua Majestade deve ser obedecida — disse Catherine.

— Sem dúvida. Ela não pede: ordena — ressaltou o duque.

— Você parece temê-la.

— Todos a temem. Mas a rainha tem sido amável comigo. Eu ainda não lhe disse, mas ela é minha madrinha e trata-me como se eu pertencesse à família real — o duque revelou. — Nunca pensei em desobedecê-la ou desapontá-la. Minha maior preocupação ao chegar à Inglaterra será contar a Sua Majestade uma história plausível sobre o meu casamento com a princesa errada.

— Já falamos sobre isso e você aprovou a minha ideia — Catherine lembrou. — De mais a mais, ainda temos vários dias para refletir sobre o assunto. Vamos apreciar o nosso passeio.

Eles deram apenas uma volta pela cidade e, antes de retornarem ao porto, pararam numa floricultura. O duque comprou tantas flores que foi difícil acomodá-las na carruagem.

Quando ambos chegaram ao couraçado, que partiu em seguida, Catherine fez questão de ajudar o criado de bordo a fazer os arranjos com as flores. Sua cabine ficou toda enfeitada com lírios brancos. As rosas foram reservadas para a saleta.

Ao ver o resultado do trabalho, o duque observou:

— Comprei os lírios brancos justamente para a sua cabine. Achei-os próprios para uma jovem angelical como você.

— Obrigada. Você acertou na escolha. Os lírios são as minhas flores preferidas — mencionou Catherine. — Sinto-me como uma noiva no dia do casamento.

— Suponho que você tenha trazido a bordo o colar de pérolas e diamantes.

— Claro. Eu o usei com o vestido de noiva — Catherine lembrou-o. — Você não notou que eu estava com o colar?

— Para falar a verdade, eu não prestei muita atenção na noiva — admitiu o duque. — O colar já está na minha família há mais de duzentos anos. Era a jóia predileta de mamãe. Eu gostaria muito que você o usasse esta noite.

— Sentirei o maior orgulho de usá-lo. É o colar mais lindo que já vi.

— Tenho guardadas em um banco, em Londres, jóias lindas e de grande valor. Mas mantenho no cofre da minha casa, no campo, outras jóias que mamãe usava com frequência — expôs o duque. — Espero que você goste delas.

— Com certeza. Estou ansiosa para conhecer a sua casa ancestral. Você tem bons cavalos? — Catherine quis saber.

— Excelentes. — O duque sorriu, cheio de orgulho. — Suponho que você monte muito bem.

— Sou ótima amazona. Não poderia ser de outra forma, pois monto desde pequena e papai tem os melhores cavalos de toda a Áustria. Ele é exímio cavaleiro e já ganhou inúmeras corridas. — Foi a vez de Catherine mostrar-se envaidecida.

— Eu não fazia ideia disso. Neste caso seu pai irá admirar meus puros-sangues quando tiver a oportunidade de vê-los. Eles são o meu orgulho. Se o príncipe disser que meus cavalos são inferiores aos dele, ficarei frustrado — acentuou o duque.

— Bem, acredito que seus cavalos sejam tão bons quanto os de papai. Assim, vou adorar montá-los. Posso até desafiá-lo para uma corrida, alteza — Catherine falou em tom provocativo.

— Por que não? Apostaremos várias corridas — o duque aceitou o desafio. — Estou vendo que temos muita coisa em comum. Gostamos de cavalos, de ler e de viajar. Já prometi levá-la à Grécia e se você gostar de terras exóticas poderemos ir ao Oriente. A maioria das mulheres reclama se não tiver em viagem o conforto que tem em casa.

— Eu não reclamarei. Não me importarei se tiver de viajar no lombo de um dromedário ou de um elefante

Catherine apressou-se em dizer.

— Pode acreditar que esses animais são bons meios de transporte. O pior mesmo é ter como montaria uma mula recalcitrante.

— Bem, mas antes de pensarmos em viagens, confortáveis ou não, teremos de enfrentar a rainha Vitória. — Catherine suspirou. — Também terei de ficar a par dos costumes britânicos e do protocolo da corte.

— Eu lhe ensinarei tudo o que você precisará saber — o duque ofereceu-se.

— Isso me alegra e tranquiliza. Serei uma aluna aplicada e não faltarei às aulas — Catherine prometeu.

— Não fique alegre demais. Sou um professor severo e impaciente — o duque avisou.

Ambos riram.

No outro dia, o duque informou Catherine que eles fariam a próxima escala em Gibraltar.

— Quero muito conhecer Gibraltar! — Catherine exclamou. — Papai me disse que ali se encontram os mais lindos xales bordados, seguindo velhos desenhos chineses.

— É verdade — o duque anuiu. — Os xales são belíssimos. O bordado é tão bem-feito que parece pintura. Será emocionante descer em Gibraltar e fazer um passeio pela colônia.

— Receio que você ache o lugar rústico demais — o duque preveniu-a. — Gostará mais do Japão.

— Você fica falando em tantos lugares e isso me faz sonhar com viagens que talvez nunca se realizem — Catherine queixou-se.

— Seus sonhos se tornarão realidade — o duque asseverou. — Só lhe peço para ter a paciência de esperar um pouco.

Em Gibraltar, Catherine ficou encantada com os xales com os quais o duque a presenteou. Eram, de fato, belíssimos, de fina seda e ricamente bordados. Durante o resto da viagem usou-os todas as noites para demonstrar que gostara muito do presente.

Depois que o couraçado passou a navegar no Atlântico a viagem pareceu, tanto a Catherine como ao duque, muito mais rápida. Talvez isso acontecesse porque os dois apreciavam demais a companhia um do outro. Eles conversavam animadamente, riam juntos e passavam horas no convés.

Não tardaram a perceber que havia grande afinidade entre eles. Catherine constatou que sentia pelo duque não apenas admiração, mas estava sofrendo só de pensar que a rainha Vitória talvez não aceitasse o casamento e o anulasse.

Na véspera de chegarem a Londres Catherine perguntou:

— O que faremos quando chegarmos?

— Eu irei diretamente ao castelo de Windsor para falar com a rainha Vitória — respondeu o duque. — Espero não me demorar.

— Você irá sozinho?

— Irei. Prefiro que seja assim; terei mais liberdade de falar com Sua Majestade se estiver desacompanhado.

— Eu ficarei no navio ou na sua casa, em Londres?

— Em nenhum destes lugares. Ninguém deve saber que chegamos até que eu informe Sua Majestade do que aconteceu. Já dei ordens para meu iate estar pronto, ancorado no Tâmis, bem perto do couraçado, quando desembarcarmos. Você irá me esperar a bordo do *Estrela Cadente*.

Eram oito horas quando o duque levou Catherine para o iate. Apresentou-a ao capitão como sua esposa, sem dizer o nome dela, e partiu imediatamente para o castelo de Windsor.

Ansiosa demais para ficar na cabine ou no salão do iate, Catherine permaneceu no convés. Pelo menos ali podia distrair-se olhando para as barcas, os barcos e navios subindo ou descendo o Tâmis.

Mas naquelas horas de espera só o duque lhe ocupava o pensamento. Catherine rezou sem cessar para que ele se saísse bem da entrevista com a rainha.

Olhando para o rio iluminado pelo sol teve a sensação de que aquela luz ofuscante era uma mensagem do céu. Essa mensagem lhe dizia que a situação não era tão crítica como ela imaginava e que tudo ficaria bem.

Quantas horas ela ficou no convés com o olhar perdido no rio, não saberia dizer. Era tão grande a sua aflição que o tempo de espera pareceu-lhe uma eternidade.

Só de pensar na possibilidade de a rainha exigir que ela voltasse para Theiss e que o casamento fosse anulado, sentiu como se lhe tivessem dado uma punhalada no peito.

Olhou para a aliança e disse a si mesma, angustiada, que a trazia no dedo por ter representado uma farsa. Por pouco, num ímpeto, não a atirou ao rio. Conteve-se e voltou a concentrar-se nas suas orações. Desesperar-se só piorava a situação.

Eram quase cinco horas quando avistou uma carruagem se aproximando do cais. Minutos depois, viu o duque descendo do veículo. Seu primeiro impulso foi correr pela prancha de embarque para ir ao encontro dele, porém se conteve.

Desceu e foi esperá-lo no salão. Sentiu que ali, ficando a sós com o duque, estaria mais controlada para ouvir o que quer que ele tivesse para lhe dizer.

Não tardou a ouvir a voz do duque e percebeu que ele falava com um dos criados de bordo. Um momento depois, ele abria a porta e entrava do salão. Não se contendo, Catherine correu ao encontro dele e atirou-se em seus braços.

— O que aconteceu? Você demorou tanto. O que disse a rainha Vitória? — Catherine indagou com a voz trêmula.

Antes de responder o duque fitou-a com uma expressão imensamente terna no olhar. Tomou-a nos braços e seus lábios se uniram aos dela.

Por um instante, Catherine ficou meio tonta, sem ter consciência plena do que estava acontecendo. À medida que os lábios do duque tornaram-se mais possessivos, ela sentiu-se dominada por uma emoção estranha e, ao mesmo tempo, deliciosa, jamais experimentada antes.

Todo o seu corpo vibrava como se fosse um instrumento de cordas tocado por mãos mágicas. Então, erguendo a cabeça, o duque respondeu à pergunta que ela lhe fizera:

— Está tudo bem, minha querida. Agora vamos partir e começar nossa lua-de-mel.

Ainda nos braços do duque e presa ao enlevo provocado pelo beijo dele, Catherine não entendeu o que ele acabara de dizer, pois mal podia pensar.

Encarou o duque e os olhos de ambos se encontraram. A expressão de Catherine era tão radiosa que falava da imensa felicidade e do encantamento que a dominavam.

O duque voltou a beijá-la com intensidade e paixão. Foi um beijo arrebatado, impetuoso e fremente. Só foi interrompido porque o duque sentiu que os motores começaram a funcionar sob seus pés e puxou Catherine para o sofá.

— Você disse que... está tudo bem? — Catherine balbuciou.

— Sim, está. Agora, minha querida, posso declarar-lhe o que sinto por você. Estes últimos dez dias me pareceram uma eternidade. Oh, como desejei revelar-lhe que a amo. Amo você como nunca amei mulher alguma.

Sem esperar pela resposta de Catherine ele beijou-a novamente, provocando nela sensações indescritíveis. Sentindo-a vibrar em seus braços o duque soube que seu amor era correspondido.

Quando eles se separaram, com a respiração entrecortada, Catherine pediu:

— Estou ansiosa para saber o que... aconteceu.

— Mas no momento só penso em beijá-la como tenho desejado fazer — disse o duque. — Como pode ser tão linda e tão incrivelmente adorável?

— Também o amo. Soube disso quando você... me beijou. No navio era tão grande a minha preocupação que... não tive consciência de que o que eu sentia... era amor — Catherine falou de modo hesitante.

— Tenho muito a lhe ensinar sobre o amor, minha querida — tornou o duque com um sorriso —, mas as lições serão demoradas.

Catherine escondeu o rosto no peito do duque. Depois perguntou:

— Por que o iate está se movendo?

— Compreendo a sua ansiedade e vou contar-lhe tudo o que você quer saber. Ainda não consegui fazer isso porque não contive meu desejo de beijá-la e de lhe dizer que você é perfeita. É a mulher mais perfeita que conheci — declarou o duque.

— Eu... tenho a sensação de estar sonhando. É difícil acreditar que você esteja dizendo tudo isto para mim — Catherine balbuciou.

— Há muitas outras coisas que tenho para lhe dizer, mas devo relatar-lhe o que aconteceu no castelo de Windsor.

— A rainha Vitória ficou chocada ou zangada quando você lhe contou o que aconteceu?

— Sua Majestade foi maravilhosa. Passei a admirá-la muito mais do que já a admirava antes. Conte-lhe toda a verdade. Disse que Henriette já estava casada antes de eu me casar com você. Esclareci que eu não tinha ideia de que a princesa que se achava do meu lado na catedral não era a filha do príncipe Adolphus.

— E ela não se zangou? — Catherine admirou-se.

— Não. Expliquei-lhe que você tomou o lugar de sua amiga num gesto de total desprendimento, para salvar a vida dela. Sua Majestade ficou impressionada com a sua coragem e declarou que, assim que a

conhecesse, iria dar-lhe os parabéns por ser uma pessoa tão leal. — O duque beijou a testa de Caterine, depois prosseguiu: — A rainha mostrou-se determinada a resolver o problema e pediu-me algum tempo para pensar. Por fim, ela encontrou uma explicação perfeitamente plausível para eu apresentar a todos, justificando o nosso casamento. Admito que a sugestão apresentada por ela é brilhante.

— É mesmo? Oh, o que disse Sua Majestade? — Caterine questionou, ansiosa. — Tive tanto medo de que a rainha Vitória se zangasse com você.

— Pelo contrário. Ela decidiu solucionar esta questão difícil e delicada. Até já mandou um telegrama para o príncipe Adolphus e seu pai, pedindo-lhes que venham ao castelo de Windsor com urgência.

— Meu pai! — Caterine repetiu, atônita.

— Sua Majestade irá dizer a ambos que eu fiquei sabendo por você e Henriët, logo ao chegar a Ístria, que a princesa a mim prometida já estava casada com o homem que amava. Você, então, dispôs-se a tomar o lugar de Henriët por amor à Áustria e, claro, à Ístria, porque esta estava sendo cobiçada pelos russos, uma vez que tem acesso ao mar. O casamento foi realizado sem que ninguém tivesse a menor ideia do que estava acontecendo — expôs o duque. — A rainha Vitória saberá fazer com que os dois príncipes não só aceitem a situação de boa vontade como acatem sua sugestão. Será a única maneira de os russos ficarem cientes de que Ístria está sob a proteção da Grã-Bretanha.

— O que ela sugere?

— Dentro de alguns dias será anunciado que o duque e a duquesa de Dunlerton chegaram à Inglaterra, procedentes de Ístria, e partiram em seguida no iate de Sua Alteza, o *Estrela Cadente*, continuando sua viagem de lua-de-mel. Porém a duquesa contraiu uma febre estranha que, lamentavelmente, foi fatal. Ela foi sepultada no mar. Desgostoso com a morte da esposa o duque rumou para o Oriente onde se encontrou com a princesa Caterine de Theiss por quem se apaixonou. Como estava viúvo, nada impediu que ambos se casassem.

— Será que o príncipe Adolphus e papai... estarão de acordo com essa... sugestão da rainha? — Caterine inquiriu, insegura.

— Ambos não têm alternativa — alegou o duque. — Além disso, eles não ignoram que agora tanto Theiss como Ístria receberam a bênção da rainha Vitória, o que será motivo suficiente para manter os russos bem comportados e a distância.

— A sugestão de Sua Majestade é mesmo brilhante — aprovou Catherine.

— O mais importante é que encontrei a mulher que eu buscava. Você será minha para sempre — finalizou o duque.

O iate havia alcançado o centro do rio e navegava para o mar. O duque estreitou Catherine nos braços, beijou-lhe os cabelos e manteve-a bem junto dele.

Lembrando-se de Henriette, Catherine comentou:

— Henriette e Fritz Hofer terão de viver fora de Ístria como monsieur e madame Leon. Mas eu sei que ambos estão imensamente felizes. Sei também que tio Adolphus perdoará os dois e estará em contato com eles sempre que possível.

— Eles tiveram de fazer uma escolha e, por amor, sacrificaram outras coisas, as quais não consideravam tão importantes como o sentimento que nutriam um pelo outro — o duque observou.

Por um instante Catherine ficou pensativa; disse em seguida:

— Estou confusa a respeito de uma coisa: você está casado, no papel, com a princesa Henriette.

— Para todos os efeitos, sou viúvo — corrigiu o duque. — Como desejo estar realmente casado com você, ordenei ao meu capitão que faça uma parada em Tilbury; ali iremos até a igreja de St. Mary. Conheço o sacerdote e lhe exporei o que aconteceu. Ele nos casará secretamente.

— Oh, Aden, é o que eu mais desejo! — Catherine exclamou, exultante.

— Também prometo comprar todos os lírios que houver à venda para enfeitar a cabine nupcial.

— Tudo isto é tão maravilhoso! Tenho a sensação de estar vivendo um conto de fadas — Catherine murmurou.

— Mas a nossa história é muito mais emocionante do que o mais lindo conto de fadas. — Aden fitou Catherine com desejo no olhar. — Quero ensinar-lhe, minha adorada, tudo sobre o amor. Teremos uma longa lua-de-mel. Vou mostrar-lhe o Oriente e também iremos à Grécia. Antes de voltarmos para casa faremos uma visita a Ístria e a Theiss onde você será muito bem recebida, pois afastou, não só de ambos os principados, mas também de toda a Áustria, a ameaça representada

pelos russos. Na Inglaterra você terá ideia de como se tornará importante ocupando a posição de duquesa de Dunlerton.

Era tão grande a felicidade do duque que ele voltou a beijar Catherine de modo sôfrego, insistente e ousado.

Beijou-a até que ambos tiveram a sensação de que o iate era um navio encantado que os conduzia para um horizonte mágico além do qual existia o mundo de sonhos só conhecido daqueles que se amam verdadeiramente.

FIM